

PADRE LANDIM,
logo após a sua ordenação em 1915

Supplicando

Ao exmo. e rvdmo. snr.

d. Miguel de Lima Valverde,

â.d. Arcebispo Metropolitano de Olinda e

Recife, em Pernambuco

Ao exmo. e rvdmo. snr.

d. Marcolino Esmeraldo de Souza Dantas,

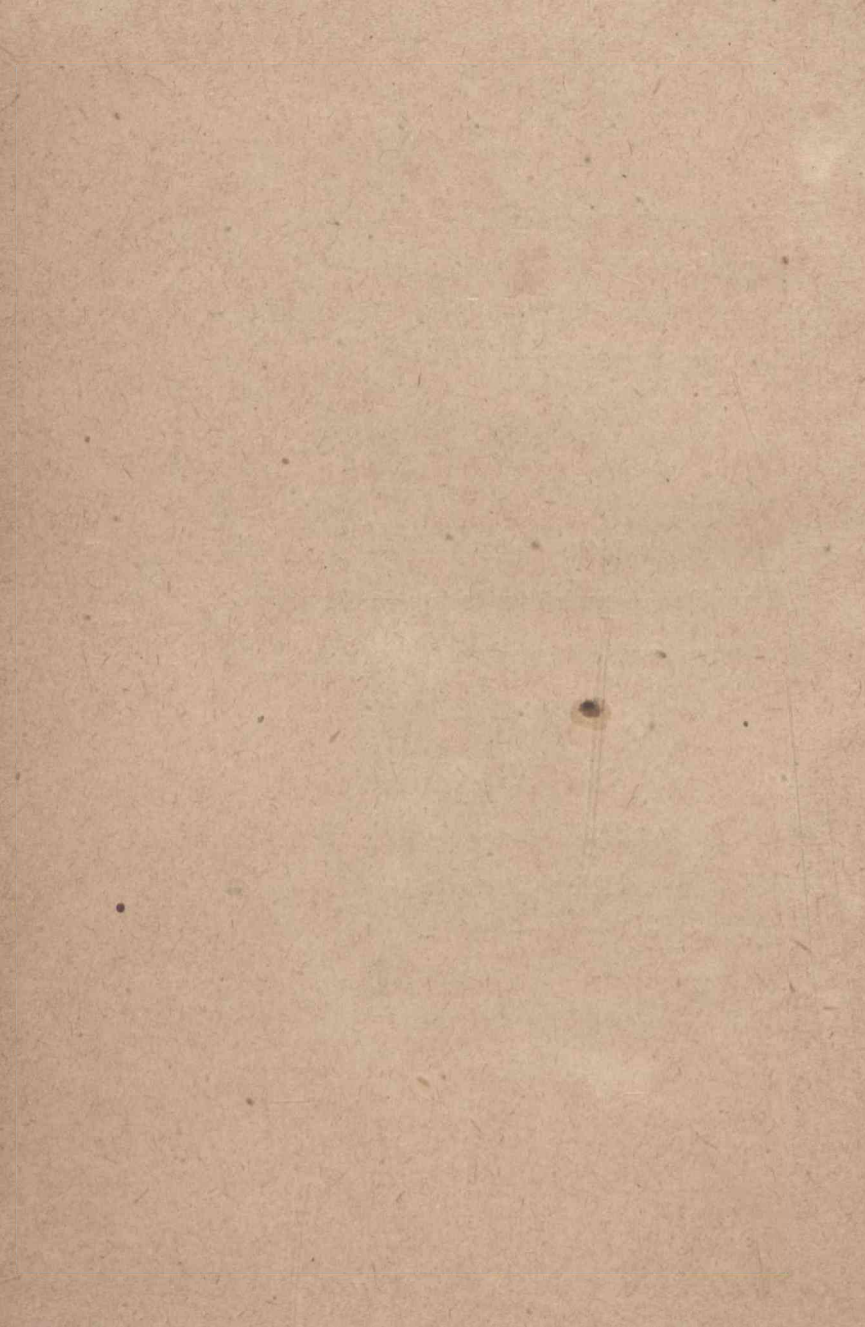
d.d. Bispo de Natal, no Rio Grande do Norte

A todos da família

e aos amigos de Padre Landim

O. C. D.

O AUTOR.



Nihil obstat.

Natal, 15 de maio de 1945

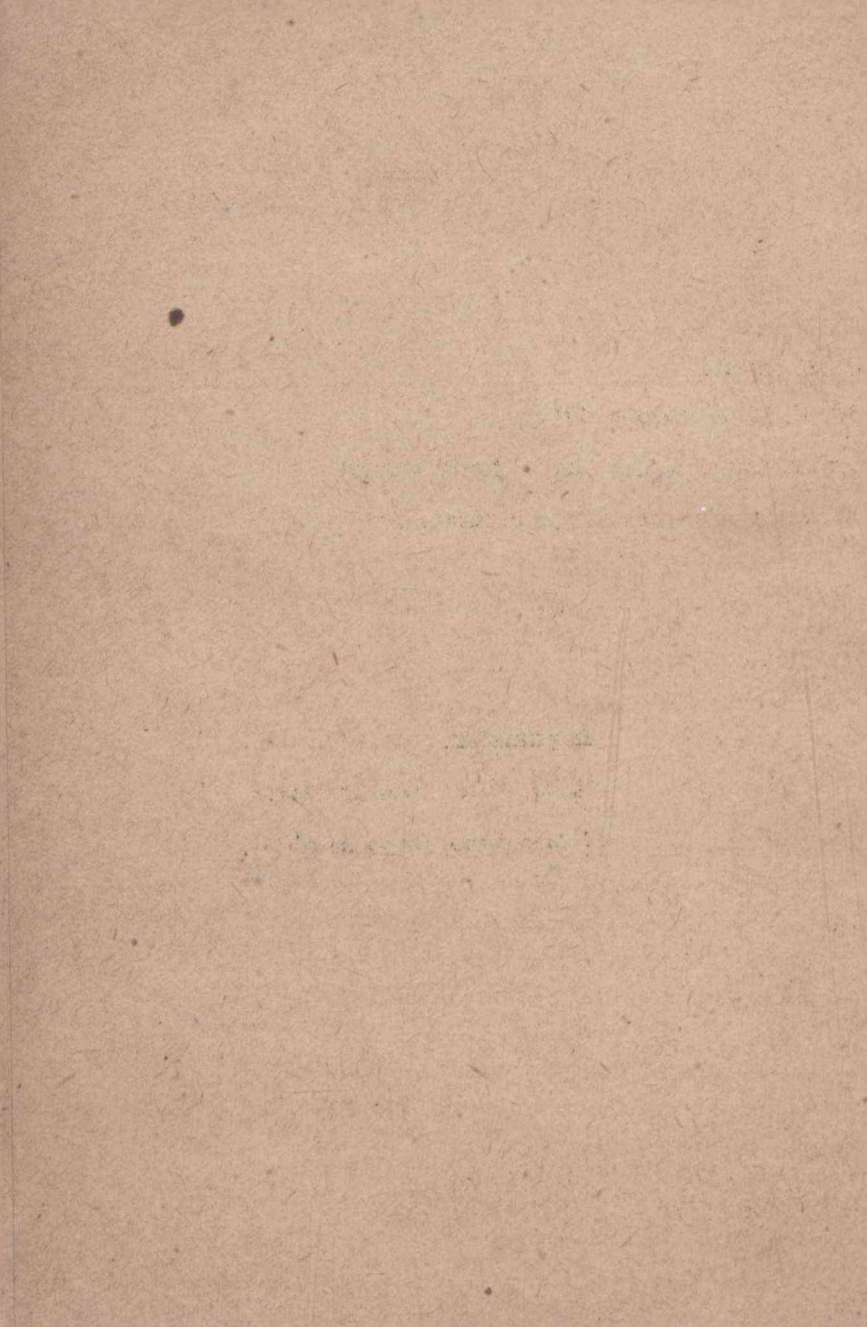
Padre Francisco das Chagas Neves Gurgel,

Censor diocoesanus ad hoc deputatus.

Imprimatur.

Natal, 15 de maio de 1945.

† Marcolino, Bispo de Natal.



PRÓLOGO

Para a família e para os amigos de Padre Landim, êste livro pode despertar interesse. É bom recordar o que se sabe acêrca dos que viveram ao nosso lado. Podemos verificar a exatidão dos fatos, comentar que fomos testemunhas de muitos, que foram omitidas circunstâncias que miudamente conhecíamos, ou que ha exagêros em alguns comentários que poderiam ser contados em termos.

O autor confessa, desde já, que se esforçou pela exatidão de tudo que narra, podendo, porém, ter-lhe escapado alguns senões, sem que disso tenha perfeita consciência.

Que valor para os estranhos podem ter estas páginas? Tudo aqui é vulgar. Nada ha de extraordinário.

Nada mais vulgar que o sol que dá, todavia, encanto à vida. Nada mais vulgar que o dever, e, somente porque os bravos soldados da FEB souberam cumpri-lo, houve nisso a maior contribuição de nossos tempos para o relêvo e a glória do Brasil.

Podem os extranhos descobrir um exemplo que os edifique, uma lição que os instrúa, dentro destas páginas despreziosas que narram uma vida trivial e comum.

E, só assim, êste livro terá valor para os que, não tendo conhecido em vida ao Padre Landim, terão nestas páginas a efigie de seus méritos e de seu amor à religião de que foi digno Ministro, e à pátria de que foi ardoroso filho.

Natal, 14 de maio de 1945.

Mons. José Landim.

A REPÚBLICA

Os paredros republicanos estavam vitoriosos. Valera a pena o grande esforço da propaganda que a magnânima tolerância imperial jamais coibiu.

O trono, porém, estava abalado. Estava carcomido, como tronco de velha árvore. O primeiro tufão seria ameaça certa.

A emancipação dos escravos sem indenização alguma para os senhores, trazendo quase desequilíbrio financeiro para os lavradores, impopularisou o Império. Os escravos passaram a ser tema preferido para os poetas e os oradores; mas os poetas e os oradores não sabiam amanhar a terra.

Vem a questão religiosa.

O século XIX e o comêço do século XX foi época de franca impiedade, por tôda parte.

O Brasil sentiu a influência dêste movimento pernicioso que levedou o mundo civilizado. Os pretensos intellectuais sentiram-se arrastados pela onda da impiedade, numa pátria de bases cristãs e de princípios evangélicos. A tentativa de extinguir a fé cristã seria frustrada aqui, como em tôda parte, sem, todavia, deixar vítimas.

Acresce que os estadistas do 2º Império pareciam polichinelos que se moviam, apenas lhes puchasse os cordéis qualquer tripingado de alto coturno; e, com um gabinete que se havia despersonalizado, para se pôr às ordens do Grande Oriente, o povo percebeu que já não merecia as atenções do poder público ou que êste já não cuidava dos anseios da multidão, pois ousava profanar o que lhe parecia sagrado.

O Duque de Caxias dir-se-ia encarnar o sentimento do povo, quando o Imperador lhe pediu contas, ao ser informado do que se passara:

—Então, é verdade que V. Excia. beijou as mãos de d. Vital e abraçou-o, chorando, ao recebê-lo no cáis?

—É verdade, Magestade, lhe tornou o Duque; mas estas lágrimas não me envergo-

nam! Encarei a morte, de olhos enxutos, nos campos de batalha do Paraguai; mas nunca pensei que, no Brasil católico, se prendessem bispos...

As lágrimas de Caxias eram as lágrimas do povo e sua palavra era um eco da voz popular.

Quando Deodoro, de espada em punho, no Campo de Sant'Ana, proclamou a República, pensando, talvez, que estava derrubando o Ministério, o povo encolheu os ombros, indiferente, como quem não está ligando aos acontecimentos que deviam, ao contrário, ser de interêsse vital para todos.

Meu pai que andara nas ruas de Recife, quando da volta triunfante de d. Vital, cantando o hino de sua vitória e expandindo-se com as alegrias das massas, se declarara republicano, menos como idealista, do que como um protesto sincero à situação do antigo regime.

Apenas serenados os espiritos, desterrado d. Pedro no mesmo navio em que de Recife seguiu, prêso, para o Rio, d. Vital — castigo por todos reconhecido, — meu pai foi, por insinuação de Martins Júnior, convi-

dado por Lauro Sodré para trabalhar no Pará.

Era campo propício para seus triunfos na magistratura. A borracha tinha preço e fazia a riqueza da Amazônia onde tudo prosperava.

Dr. Vicente Landim deu sua palavra ao grande chefe paraense: iria trabalhar no Pará.

PARÁ

Dada a palavra, é preciso mantê-la. Deixar Anadia de Campos, em Alagôas, e seguir para a terra do assai, era a resolução irrevogável do dr. Vicente Landim, conforme, em carta, declarara ao dr. Lauro Sodré.

Sua espôsa não podia viajar no momento.

Esperava o 3º filho e a família aconselhava retardar a viagem ou vir buscar, mais tarde, espôsa e filhos. A oportunidade, porém, urgia.

Era preciso procurar o extremo norte dêste grande Brasil que, ainda hoje, continúa inexplorado.

D. Maria Landim ficou em Pau d'Alho, em casa de minha avó materna, d. Maria Joaquina Alves Cavalcanti, aguardando

nascesse o 3º filho e assim dispondô-se a viajar com mais segurança.

A antiga Província do Grão Pará, no Império, era o Estado do Pará em o novo regime, que se auspiciava esperançoso e promissor. Cortado pelo Rio Mar — o Amazonas, com um volume de água que é o maior do mundo inteiro, regado por outros grandes rios e soberbos afluentes, o Pará é um dos maiores Estados da União Brasileira, de uma riqueza sem par e de um futuro que seria impossível calcular com segurança.

É tão largo o Amazonas que, de uma margem, mal se vê a outra, confundindo-se com a linha esfumada do horisonte longínquo. A fauna e a flora daquelas zonas banhadas de tantos rios são de uma originalidade que assombra a todos os turistas. Encontram-se nas matas virgens, troncos de árvores que 100 homens, de mãos dadas, não chegam para rodeiar um só desses troncos gigantes. No mínimo, cada tronco, assim, é um círculo de mais de 150m,00, com diâmetro de 50m,00. Poderia abrir-se ali, uma habitação do volume de nosso Grande Hotel.

Talvez, menos de um terço de território tão rico esteja cultivado. O resto é terra de índios, devoluta, terra de ninguém.

A 22 de julho de 1890, na cidade do Espírito Santo de Pau d'Alho, hoje simplesmente Pau d'Alho, em Pernambuco, nasceu o 3º filho do dr. Vicente de Leirins Ferreira Landim e sua espôsa d. Maria Cavalcanti Ferreira Landim. Era ainda varão, como os dois primeiros, e na pia batismal tomou o nome de Euclides. Seu batismo efetuou-se a 14 de dezembro do mesmo ano (1890), no Convento da Glória, em Recife, sendo seus padrinhos dr. Pedro Secundino de Souza Landim e d. Joaquina das Mercês Ferreira Landim, e batisante, o Pe. Agostinho de Lima Cavalcanti de Lacerda, capelão do dito convento (1).

Depois de se ambientar no Pará, foi dr. Vicente Landim, sem demora, nomeado Juiz de Direito da Comarca de Itaituba, às margens do Tapajós e, assim, pôde resolver o problema da ida de sua família para as terras do extremo norte.

(1)—Vide o arquivo da Matriz da Boa Vista de Recife. Livro de batismo nº 16, fl. 66.

Em setembro de 1891, achava-se meu pai em Pernambuco, com intenção de levar-nos todos para o Pará. Meu bisavô Antônio Bezerra, pai de minha avó materna, protestou contra a ida de Euclides para terras tão remotas, por ter pouca idade e ser muito doente.

—Maria, disse êle para minha mãe, não leves teu filho pequenino por essa longa viagem. Êle morre no caminho e teu filho vai ser comida para os peixes do mar.

A advertência do velho procedia e, por isso, teve aceitação plena no concelho da família. Euclides não viajou para o Pará.

Partimos todos. Minha mãe já conhecia as viagens marítimas e fluviais. Viajara para as Alagoas, tanto via Atlântico, como via S. Francisco. Nada de inédito para ela. Muito criança que eu era com o Manoel — 4 e 3 anos de idade — nada compreendíamos da vida.

Passamos Cabedelo, Natal, Fortaleza, S. Luiz do Maranhão e, por fim, chegamos a Belém do Pará, no magestoso estuário do maior rio do mundo.

De Belém do Pará, recordo-me do assai tomado com água, açúcar e farinha de água;

do tucupi e tacacá que é comida de gente grande por causa da pimenta, e eu comi, muitas vezes; das rosquinhas na tarde, apregoadas por um padeiro português e eu devia ter sempre meus 40 réis para o lanche das 16 horas; da bicharia que vi no museu, chamando-me a atenção os macacos e saguis, as araras e papagaios e atemorizando-me os ofidios monstruosos.

Viajamos de Belém para a cidade vizinha onde passámos um dia de recreio e vi, pela vez primeira, os cacaús agarrados aos galhos das árvores, à guisa das jacas.

Em Santarém, morámos, algum tempo. Era na foz do Tapajóz, tributário do Pará, a cuja margem, em viagem de um dia a canoa, ficava Itaituba, comarca de meu pai. Era Santarém, cidade pacífica a que perturbava o carnaval de um mês inteiro, com máscaras, sem graça, de pernas de pau, tão altas que mexiam conosco nas varandas do sobrado em que morávamos.

Ao pé da escada, umas velhotas preparavam filhós com abóboras, que mamãe comprava, de vez em quando.

Itaituba era cidade de menos de 20 fós. A igreja vivia abandonada e, pelas aber-

turas das paredes em ruínas, penetravam-lhe as cabras no recinto, para escaparem da chuva.

Terra fértil, o que provavam frondosas mangueiras que arborisavam a cidade e cujos frutos sazonados serviam de forragem às vacas quando voltavam das pastagens. Era perigo chupar mangas, quando não se estava aclimatado no Pará. Era febre certa. Hoje, há grande diferença nestas duas cidades: Santarém e Itaituba. Transformou-se o seu fácies.

Não as reconheceria, se me fosse dado ainda vê-las. Uma é sede de próspera Prelazia Apostólica e a outra recebeu a injeção vitamínica dos Americanos do Norte que crismaram a zona com o nome profano de Fordlândia.

O 4º rebento da família — ainda desta vez varão, nasceu a 27 de janeiro de 1892, em Santarém: era o Mário que a minha tia Senhorinha Dourado nunca acertou chamar: o Amaro ou o Mauro.

AS DUAS AVÓS

Voltemos ao Euclides. É êle o assunto destas páginas. Ficara êle em Pau d'Alho, Pernambuco, com minha avó materna — d. Maria Joaquina Alves Cavalcanti. O filho era de minha mãe e minha mãe era filha de d. Maria Joaquina. Entretanto a avó paterna, a professora d. Joaquina das Mercês Ferreira Landim, era a madrinha de Euclides e os padrinhos substituem aos pais, segundo a lei canônica.

Euclides ficara em Pau d'Alho e minha avó paterna residia em Recife, como professora pública, e reclamou para lá o Euclides.

A pendência foi resolvida com os direitos da madrinha de batismo.

Foi motivo de tristeza e de saudade a saída do párvulo para Recife.

Além disso, Mãe Mariquinhas — assim chamávamos a nossa avó materna — era criatura muito simples, criada na roça, amiga de sua paz, pouco apreciadora de lides, preferindo ser vencida, a ver prosseguida a mais simples pendência.

Meu avô — Manoel Alves de Souza Cavalcanti, ficara viúvo e meu bisavô — Antônio Bezerra —, lembrou-lhe, para casar, a filha de 12 anos. Ela não foi consultada e, apenas se resolveu o casamento, teve, então, a surpresa de que ia casar-se com um viúvo. Quando consultada, se achava bom:

—Se meu pai achar bom, disse ela, é porque é bom mesmo.

Era assim naquele tempo, chamado do ronca, é verdade, mas em que se era mais feliz no casamento. Os noivos vinham, sem se procurar, sem se andar à caça dêle, nas avenidas, nas artérias movimentadas. Essa cata persistente do noivo pode atrazar a felicidade, como se vê hoje em dia.

Minha avó materna era, pois, uma criatura simples e desprezenciosa.

O Cel. Manoel Alves, da Guarda Nacional, era comerciante. Comerciante modesto que fazia o seu mistér sem ambição. Era seu

ganha pão. Todavia, seu negócio não deixou de prosperar. Basta dizer-se que, à sua morte, deixou uma casa, em cada rua de Pau d'Alho.

Casou tôdas as filhas e hoje seus netos e bisnetos arçam acima de uma centena.

A dezena de filhos nascidos da 1^a e da 2^a espôsa, está multiplicada numa geração próspera e abençoada.

Meus avós paternos eram primos e eram professores públicos. A profissão idêntica os aproximou ainda mais. Casaram-se. Andaram ensinando em Belo Jardim, em Câruarú, em São Lourenço da Mata, em Recife onde os filhos já estavam taludos. Fizeram-nos estudar. Trabalhavam e estudavam, como os rapazes de nossa Escola Técnica de Comércio e, assim, dos 7 varões — 6 foram bacharéis — Manoel, Tomaz, Vicente, Pedro, Eloi e Geraldo. André com as duas moças titularam-se professores pela Escola Normal. A mãe de tantos bachareis só podia ter triunfo nas suas causas.

O Euclides ficou com a madrinha com quem deveria esperar o tempo de poder unir-se à família distante.

Menino criado por avó é sempre cheio

de vontade. Neto é filho duas vezes e minha avó, nos dois anos de ausência dos pais, tornara o Euclides o **Nolí me tangere** da casa.

O petiz não alcançava o exagêro dessa bondade, o requinte dêsse amôr, nos seus três anos de vida. Êsse fato, porém, refletia-se em tôda a sua vida em que se mostrou voluntarioso, para logo ceder à vontade dos outros.

A escola de minha avó era como as de hoje. Nada de castigos físicos. Despertar sempre nos educandos a convicção do dever e o amôr devotado ao seu exato cumprimento.

Euclides marcou tôda a vida com êste traço decidido: cumprir o dever, às vezes, com sacrificio de seu ponto de vista.

INSUCESSO

A exuberância das terras do Grão Pará dá-lhes a má fama de terra insalubre. Água por tôda parte, pântanos imensos, matas virgens, insetos que encontram, em tudo isso, cultura favorável à sua magnífica proliferação. O homem deixa tudo à mercê da natureza que espera um pouco de sua inteligência para lhe corrigir as falhas. Lembro-me tanto dos perigosos borrachudos! Eu e o Manoel (Nequinho) vivíamos com pernas de lázaros. Porque os mosquitos não nos poupavam e cada picada que nos davam, era sangue muito que se perdia e estava ali uma chaga certa.

Recordo-me de mamãe, vitima dos borrachudos, andando mal, apoiada a um bordão e merecendo o comentário do Nequinho:

—Mamãe parece uma pobre aleijada!...

Papai já não era tão sensível aos ataques dos borchachudos e mosquitos congêneres; mas já vivia entoxicado do quinino que usava. Tomava-o em colherinhas de café. Ainda, assim, vivia impaludado.

Estávamos em Itaituba e papai ardia em febre.

Passou dias seguidos com os frios e as febres sucessivas. Emagrecera a olhos vistos. Completa mingua de recursos. O quiniño iludia-o, apenas.

Passa um amigo, dr. Correia Lima, que o procura. Bate em nossa porta:

—Que é do Landim?

—Está doente, disse mamãe, com tristeza.

—Posso vê-lo?

—Entre, por favor.

E o homem, à vista do estado de papai, não teve meias palavras.

—Dr. Landim, o sr. saia, já e já, daqui. Vamos para Santarém. A barca sai esta tarde, e você vai preparar-se.

Foi um alvoroço que a palavra amiga e decisiva do dr. Correia Lima trouxe a todos de casa: mamãe, três crianças e uma empregada.

De fato, naquela tarde a pequena barca conduziu-nos para Santarém e depois para Belém.

Papai, porém, não mais se restabeleceu. Os frios e as febres desapareceram, mas o quinino usado em demasia entoxicou-o fortemente. Seria preciso muito tempo para eliminar o tóxico e normalisar-lhe a saúde.

Pode, apenas, imaginar-se a aflição de Mamãe.

Escreveu para Pau d'Alho, contando a situação. Em terra extranha, sem parentes nem aderentes e o espôso numa situação em que não poderia cuidar da mulher e dos três filhos menores.

Pensava deixar o Pará e voltar para Pernambuco.

Ao chegar a carta a Pau d'Alho, achava-se na loja de meu tio Janjão, dr. Pedro Landim, o padrinho de Euclides a quem Mãe Mariquinhas pediu para ler a carta de Marocas.

Leu-a para si mesmo e ficou tristonho.

—A carta traz más notícias? lhe perguntaram.

E êle contou a história, acrescentando:

—Podem contar comigo para ir buscar

Vicente com Marocas e filhos. * E foi êle mesmo quem nos foi buscar do Pará. Nunca tivemos expressões para lhe agradecermos tão excessiva bondade.

Em vida de tio Pedro, sempre lhe confessei a impossibilidade de lhe manifestar meu reconhecimento por seu interêsse e dedicação inexcedíveis, e, depois de sua morte, a sua memória sempre me comove da mais viva saudade e me enche os lábios de preces.

PAU D'ALHO

Terra de meus avós! Terra de minha mãe! Terra de meus irmãos! Terra de meu coração! Nunca poderei esquecer-te. Fôste cenário de meus brincos de criança e te associaste de tal sorte a meus sonhos e ilusões da mocidade, que tua lembrança vale tôda minha vida! A teu contacto, despertam-se-me na alma todos os encantos do passado a que não posso mais voltar e cuja saudade se retempera de doçura e de fel, de quimeras e desilusões, de triunfos e decepções, de festas e de lutos!

Não me posso olvidar do Capibaribe tão manso e silencioso; mas que se assoberbava, nos grandes invernos, e passava decorado de golfos, arrastando árvores e ameaçando a cidade a cujos pés serpenteava. Pau d'Alho de seu Zumba, de Pedro Velho, de João Leôncio, de Antônio Pimentel, com seu pátio de feira, enfeitado de flamboaian flamejante de flôres no verão onde Mãe Mariquinhas ia fazer aos

sábados, sua feira modesta — algumas postas de peixe assado, trazidas de Itamaracá, iames, batatas, queijo do sertão, milho, feijão e farinha para a semana tôda.

Pau d'Alho com seu jardim fechado de grades, no pátio do Rosário onde, à tardinha, as meninas bonitas iam disputar com as flôres a sua graça e o seu encanto.

O mês de maio, de madrugada, no Rosário, cantado pelas beatas e por todo o povo, tinha um sabor exquisito de fruta da terra, como a guabiraba que safrejava naquele mês do Coração de Maria.

A festa de S. Sebastião no Livramento onde as meninas cantavam com meus tios as partituras mais lindas e mais doces que já perceberam meus ouvidos!

A festa do Rosário e de S. Benedito, promovida pelos homens de côr, com seu Germano à frente, contratando em Recife oradores do fôlego, como o Pe. João Machado que arrebatava o auditório com o seu verbo de fogo!

Pau d'Alho do velho Genuino que sabia fazer intervenções cirúrgicas, como o mais afamado operador, émulo de Arnóbio Marques.

Pau d'Alho das Douradas que sabiam decorar os anjinhos e dar-lhes ares graciosos de quem deixa a terra pelo céu.

Pau d'Alho de João Monteiro que manurredeando seu bonito pampa, parecia personagem antiga, cavaleiro de priscas éras.

Pau d'Alho dos bumba-meu-boi, dos pré-sépios, dos fandangos e dos pastoris onde a gente simples encontrava um sabor extranho, uma delícia inegalável, como experimentei em criança.

Pau d'Alho do S. Severino dos Ramos onde pagava promessas e me comovia com a história daquele soldado das Cruzadas que deu a vida pela libertação do Santo Sepulcro.

Pau d'Alho da Música Velha (22 de novembro) e de Música Nova (Filarmônica Pau d'Alhense) disputando a primazia e cujos fans se arrogavam o direito de espalhar que iriam furar, em plena rua, o bombo da música adversa. Era a maior afronta que jamais passou de ameaça.

Pau d'Alho dos Maracatús barulhentos, tão do sabor dos pretos e em que tantas gerações acharam originalidade e graça como meu amigo Mário Sete!

Euclides era louco por sua terra e não

permitia que se depreciasse Pau d'Alho, fôsse no que fôsse. Descobria sempre uma defesa com a acuidade que o patriotismo lhe inspirava.

Os Cavalcantis eram para êle uma só família e onde via um Cavalcanti chamava logo de parente.

Pau d'Alho foi cidade próspera antigamente.

Município cravado na zona da mata, possuiue terras ferazes e próprias para tôda cultura. A monocultura da cana lhe foi nociva. Os banguês contribuíram, ainda assim para a prosperidade local, porque os engenhos viviam da cidade e aos sábados os senhores de engenho vinham à cidade fazer a feira com moradores e agregados.

A usina centralisa o núcleo operário dentro da própria vila onde a todos facilita o comércio e a própria feira. A vida financeira, com o progresso, se desloca, assim, dos antigos aglomerados humanos para as cercanias das grandes fábricas.

Explica-se porque Pau d'Alho passou a ser uma cidade monótona, estagnada, sem vida...

D. PICHICA

D. Pichica fôra criada em casa de minha avó paterna. Por sinal que se titulou professora e chegou a ser nomeada para a 1^a entrância, o alto sertão.

Não quis fazer carreira e abriu uma escola particular em Pau d'Alho. Ela acompanhara o Quido, desde o nascimento e sobretudo nos tempos em que passou com d. Joaquina e valeu-se disso para dizer que o menino teria que aprender com ela as primeiras letras.

Chiquinha ou d. Pichica sabia ensinar. Seus métodos podiam não ser modernos, mas eram eficientes. Nos bancos de sua escola, sentou-se uma geração inteira que de lá saiu para vencer na vida.

O 2^o e o 3^o grau da aula primária fi-los na escola de Chiquinha porque o Instituto

Sta. Teresa em Pau d'Alho onde estudava, se fechou, depois da morte da espôsa do Diretor.

Chiquinha fazia repetir, muitas vezes, a lição.

A mnemónica faz da repetição o segredo do aprendizado.

Ora, seu programa não era prolixo: era reduzido. Escrita, leitura, gramática, arimética, geografia e história. Doutrina Cristã, às sextas-feira. Em caligrafia ensinava também a letra ronda, gótica e de fantasia em que era artista a minha tia Nêê — Maria da Exaltação Ferreira Landim. Mais tardê, desenhos e lições de cousas que foram introduzidos nos programas — exigência da Secretaria da Instrução.

Tínhamos que chegar antes das 9 horas. Escrevia-se todos os dias — copiado, ditado ou composição. Leitura, todos os dias. Aliás, por amor à brevidade, tôdas as matérias do programa se passavam diâriamente, das 9 da manhã às 2 horas da tarde — que era o horário de tôdas as classes. Por se repetir a leitura diâriamente, ao terminar o ano, tínhamos lido 4 vezes a Seleta Clássica que sabíamos de cór.

A gramática de Abílio Cesar Borges sabíamos decorada do comêço ao fim, mesmo quando muitos não alcançavam o sentido das frases.

Chiquinha adotava o castigo físico, o que se enquadrava bem com os rigores daquele tempo. E muitos preferiam a sua escola porque sabiam que lá reinava a palmatória.

Raramente ela dava um bôlo: dávamos uns nos outros, por ocasião das sabatinas. Entretanto, os alunos ficavam de pé, de joelhos, ganhavam beliscões, puchavantes de orelhas. A disciplina, por isso, era mantida em plena rigidez.

Lembro-me de um aluno que, arguido sôbre os adjetivos correlativos: tal, qual, tantos, quantos, disse o exemplo: Tal pai, qual filho. Havia na sua casa pai e filho, operários, de nome Joaquim e Porfírio. Daí, estudando a lição e dando exemplo, costumava repetir, como rima consoante: Tal pai, qual filho — Seu Joaquim e seu Porfírio. Lembrou-se disso na arguição e riu-se para o irmão. Valeu-lhe uma boa reguada nos braços...

Mas Euclides era tratado com especial carinho por Chiquinha. Acompanhara-o doen-

tinho, desde a mais tenra infância e, por isso, merecia tôdas as excusas, tôdas as indulgências. Sempre havia para êle um lanche guardado por Tia Maria, a mãe de Chiquinha.

Prestei meus últimos exames na escola de d. Pichica, com Maria José de Morais Pinheiro, com Severiano José Freire, com João Marques de Queiroz Pinheiro. Éramos um trinca perigosa. Deram-nos solenemente o nosso rico diploma de estudos primários, com a presença de autoridades, famílias e o próprio delegado de ensino que presidiu as cerimônias. À noite, houve dansas e minha colega Maria José que teve aprovações iguais às minhas, disse muito convencida: Você hoje vai dansar comigo. Era uma ameaça que me tirou o gôsto da festa. Eu não sabia dansar, nunca havia dansado. Só sei dizer que, quando a clarineta de Lauriano Fernandes começou a valsa, achei-me no meio do salão, valsando com Maria José (Zinha). Dansei mal, porque, no fim, me deram uma gostosa pateada. Euclides levou-me na troça, afirmando que nunca teria dansado. Contudo, dois anos depois, na sua diploma-

ção, em dezembro de 1901, êle teve que dan-
sar com Luizinha Falcão e estou certo que
não fez papel mais bonito do que o meu...



NO SOBRADO E NO SÍTIO

Com o insucesso de meu pai no Pará e com o tratamento demorado a que êle devia submeter-se, tivemos que residir com a nossa avó materna, a bondosa e sempre lembrada Mãe Mariquinhas.

Moramos, primeiro, no sobrado da família, à rua Barão do Triunfo. Foi o primeiro sobrado que se construiu em Pau d'Alho. Foi meu avô Manoel Alves de Souza Cavalcanti, de saudosa memória, quem o construiu.

No andar térreo, estava a sua loja de fazendas e no 1º andar habitava a família. A escada que dava acesso ao 1º andar, era ótimo trabalho: a escada mais bem projetada que já vi. A largura da escada era de quasi 2 metros. Madeira escolhidíssima. Ao sobe-desce diário, parecia ainda intacta de pé humano.

A escada dava para a sala dos caixeiros. Era um grande salão de 8 metros por 6, onde a caixeirada passava as noites, ordinariamente, e também as tardes dos domingos e dias santos.

O negócio de meu avô chegava-lhe para o luxo de mandar vir de Portugal um caixeiro para a loja.

Não sei o que havia no caixeiro vindo da mãe pátria. Houve essa moda. Talvez imposição dos grossistas de Recife que exigiam colocação para seus afilhados que desejassem trabalhar no Brasil.

Pagava-se-lhe a passagem e dizia-se comprar um portuguezinho. Além disso, o portuguezinho vinha do Reino, como a farinha, o feijão e a batata, e servia até de reclamo: bem alvinho, saltitante, de fala atravessada e desejado das moças...

As peças do sobrado no 1º andar não eram bem distribuídas. Faltavam-lhes luz e ar. Havia camarinhas tão escuras que, mesmo ao meio dia, reclamavam a luz de uma candeia ou de uma estearina. Eram a morada dos morcegos que nos metiam medo, apagando a candeia.

Quando nos entendemos de gente, já não

existia meu avô; mas o ritmo da vida, naquele sobrado, continuava o mesmo. Comércio no andar térreo, sob a direção de meu tio e benfeitor João Leôncio Alves Cavalcanti e, em cima, a família de que restavam solteiros Henrique, Laurindo e Júlia.

Os quatro menores com mamãe tivemos ali o agasalho acolhedor daquela velhinha santa a quem Deus haja.

Ali perto, estavam nossos parentes: Tias Senhorinha e Inácia Dourado, Genuino Barros, Martiniano Landim, com Tia Mariana, Rosinha de Castro e mais outras figuras da família naquela época (1893).

O quintal do sobrado era cheio de árvores: figueiras, limeiras, laranjeiras, sapoti-zeiros, uma guabirabeira e uma árvore da fruta-pão. Não faltavam goiabeiras, jameiros e araçazeiros. Por aí se pode calcular o tamanho da área onde um poço de água salobra, serviã para regar as plantas e o jardim que estava separado por um muro, perto da cosinha.

Era o pátio onde brincávamos à vontade.

As fruteiras eram nossas amigas, as primeiras amigas que tivemos na vida.

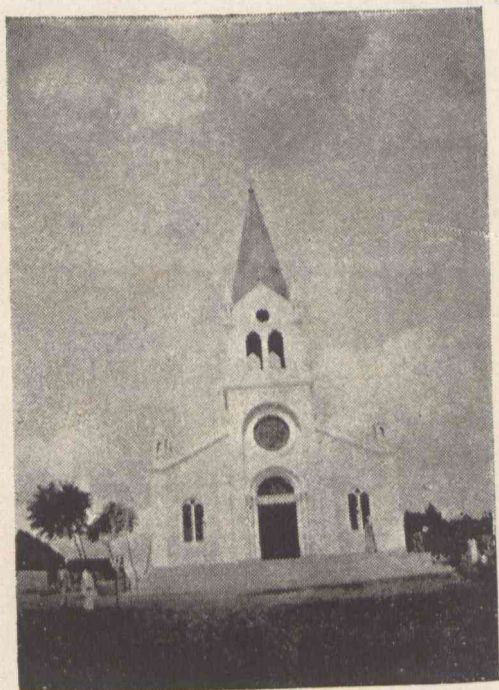
Euclides foi sempre o *enfant gaté* da casa.

Fazia-se o que êle queria. Um brinquedo que reclamasse, uma fruta que desejasse, mamãe dava ordem para lhe satisfazermos. O Mário, ainda engatinhava, começava a balbuciar as palavras; mas o Euclides se sobrepunha a êle, porque nunca fôra menino sadio.

Em 1894, tivemos uma boa noticia. Uma noticia alvoroçante que sacodiou nosso espirito infantil. Meu tio João Leôncio acabava de preparar a casa do Sítio que comprara no Itaiba e oferecera a Mãe Mariquinhas para morar conosco.

À noite de 23 de junho, uma noite invernosa, escura, e de estradas lamacentas, seguimos para o Sítio de Itaiba. Fomos a pé. Era pertinho. Uns 1.600 metros da rua em que morávamos. Madrinha Luisa carregava o Mário e todos iam marchando como podíamos. Ao chegarmos ao sítio, a lama da estrada de rodagem era um pavor. Quase nos atolávamos. E ainda fomos ameaçados com as limalhas dos devotos de S. João.

Foi no Sítio do Itaiba onde decorreram os melhores dias de minha vida. Lá pensei



Atual Matriz de Amaragi — Pernambuco

sempre no Paraíso terrestre. Pelo menos, havia de todos os frutos de que falavam os textos sagrados. Faltava uma cousa: um rio que regasse as terras dêste novo Édem. Era uma área de 100 metros de frente por mais de 1.000 de fundo. Era terra vermelha onde dava até bom café. Até nas ladeiras, havia boas bananas. As jaboticabeiras eram uma delícia. Depressa, nos familiarizamos com o sítio e, contra as ordens de mamãe, iam até os confins da terra. O terreno era acidentado e o cafezal ia se desenvolvendo numa capoeira fechada que chamávamos de matinha.

A casa era bem feita. Uma grande sala de visitas e, entre quatro camarinhas, um corredor que dava para a sala de jantar, seguindo-se a cosinha e a despensa. A casa era elevada para nivelar-se com o terreno de detrás que acusava três metros de diferença. A calçada era imponente, com duas escadas laterais para o 1º plano e, dêste, para as calçadas dos dois oitões, havia mais duas escadas de dez degraus para as entradas da casa que eram dos lados. O edifício era afastado do muro frontal, quasi dez metros onde

se cultivava bonito jardim. Era êste o nosso paraíso onde passámos anos de delícias.

Nalgum terreno aberto, fizemos roçados de aipim e de batatas. Lembra-me que as batatas me custuram caro. Procurava desenterrá-las porque os ramos já amareleciam, quando o Quido (Euclides) procurou retirar os tubérculos. Sem reparar, lhe desfechei, com a enchada, um golpe na cabeça, ferindo-a. À vista do sangue, o petiz chorou e mãe me castigou, pelo descuido, sem que a êle nada dissesse senão palavras de consolação.

Entretanto, êle tinha sido imprudente.

No salão do sitio, como no do sobrado, armava-se no mês de Maio, o trono do Coração de Maria que era celebrado com uma festa que enchia o nosso coração de amôr à Mãe do Céu e de confiança ilimitada na sua devoção.

Não tínhamos licença de sairmos de casa. Todo nosso brinquedo seria dentro dos muros.

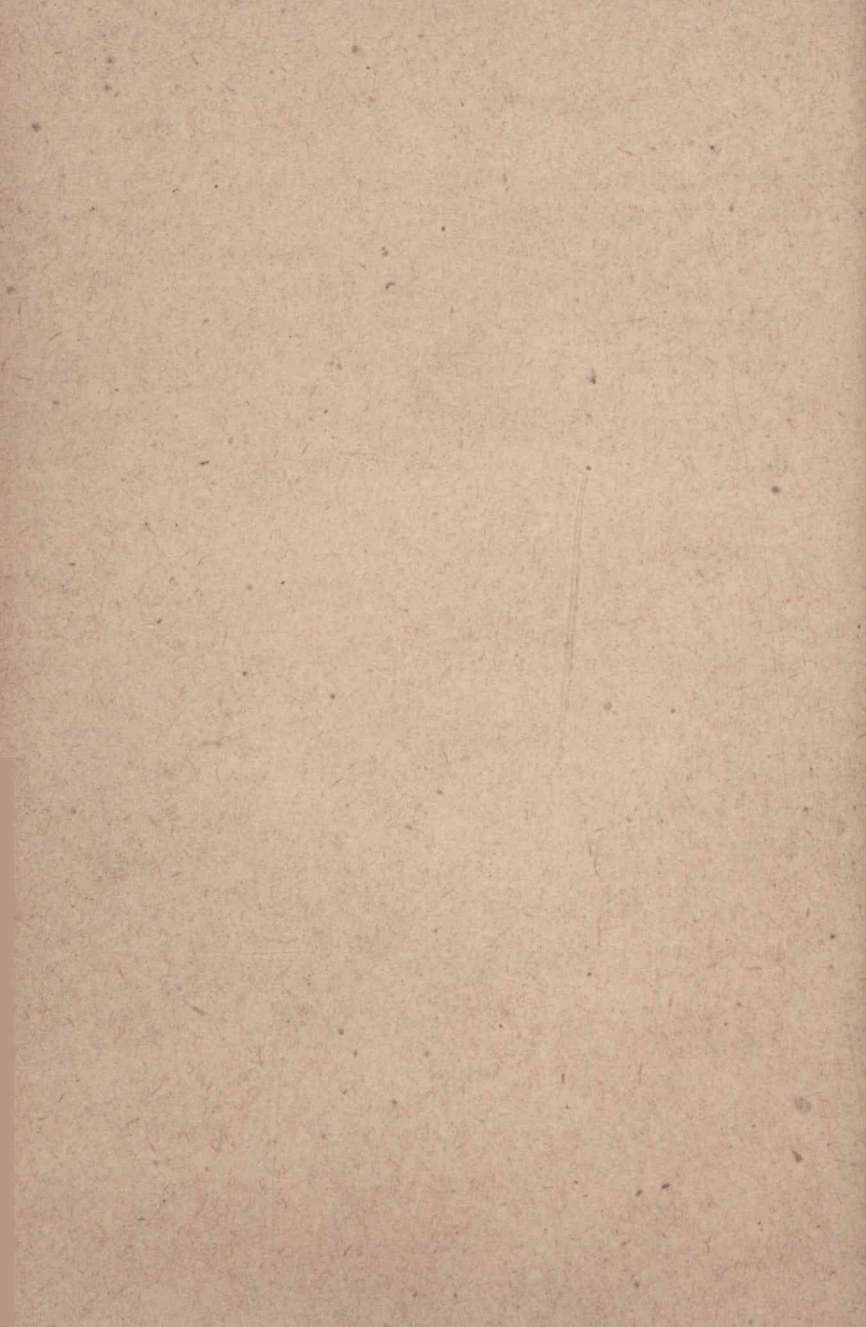
Certa vez, recebemos a visita do Alberto Freire com quem gostávamos de brincar. Êle viera de casa montado no carneiro branco

que sempre nos enchia a bôca d'água. O Alberto deitado na grama se fingiu de morto.

A preocupação de Euclides não foi a morte do Alberto, mas perguntava ingenuamente:

E êste carneiro para quem fica?...

O Alberto voltou a si, com bonita risada.



MADRINHA LUISA

Para meus avós, como para muita gente, a lei áurea de 13 de maio de 1888 libertou os escravos, mas não os afastou dos lares em que labutavam. Ainda que forros, faziam questão de ficar com meus avós e nem um só os deixou.

Encontrei com Mãe Mariquinhas, Madrinha Luisa, assim chamada, porque serviu de Madrinha de apresentar ao Nequinho e ao Quido e todos imitávamos aos dois manos com a apóstrofe: Madrinha Luisa.

Era uma prêta que criou minha Mãe e, por isso, ficou prêsa aos filhos de Sá Marocas, como chamava a Mamãe. Era uma verdadeira Mãe Prêta. Saíamos a passeio. Em casa se ficava tranquilo, quando Madrinha Luisa nos acompanhava. Precisávamos estar juntinhos dela; do contrário, gritava, alar-

mantemente: Seu Zeca! seu Nequinho! seu Quido! seu Mário! Era a galinha a cacarejar sempre, para não se tresmalhar a ninhada, afastando-se dela. Quando algum de nós lhe desobedecia, na rua, estivesse onde estivesse, longe de casa onde jamais pudesse ser ouvida, vinha logo a apóstrofe:

—Ó Sá Marocas, venha ver seu Zeca!

E embora soubéssemos ser impossível a Mamãe nos ver de tão longe, ela nos reduzia, assim, à docilidade, à obediência..

Era um amor desinteressado e efetivo. Fazia sacrifício por nós. Quêria ver-nos sempre com saúde e contentes. Uma moléstia que nos prendesse ao leito, fazia-a sofrer. Velava ao nosso lado, noites seguidas, insone e solerte, como a melhor das mães; e, quando nos via chorando, nos consolava com palavras tão ternas e tão doces que eram o suave súdário com que sabia enxugar tôdas as lágrimas. Era um segrêdo de que ela podia não ter consciência; mas que se traía a cada passo, quando preciso mitigar as nossas mágoas.

Sabíamos pagar-lhe tanta afeição, tanto amor, porque todos lhe éramos muito afeiçoados. Como sacerdotes, lhe beijamos, tantas

vezes, as mãos prêtas e calejadas, mas que se transfiguravam aos nossos olhos agradecidos em mãos macias, acostumadas ao carinho, e alvas como a pureza de sua intenção sempre protetora e maternal.

Euclides nunca esqueceu a Madrinha Luisa; chorou amargamente a sua morte e lamentou não saber onde repousam seus restos mortais no "Santo Amaro" onde iria pôr um epitáfio com a expressão de seu afeto e de seu reconhecimento.

Ainda hoje guardo um lugarzinho para ela no memento dos mortos, quando celebro a santa missa. Seu nome — Luisa — mistura-se aos nomes mais sagrados, na minha lembrança de Padre. Cumpro um dever que Euclides jamais pôde olvidar.



PADRE EMÍDIO

Padre Emídio Fernandes de Oliveira, o Vigário que conheci em Pau d'Alho, nunca nos falou sôbre vocação, nem sequer nos in-sinuou a carreira clerical. Todavia influiu decisivamente sôbre o estado que eu e Euclides abraçamos.

Ele nos queria bem a todos quatro. Nunca nos disse. Mas quem é que não possui o 6º ou 7º sentido de perceber o bem e a estima que os outros nos consagram? A bondade com que nos acolhia, a meiguice com que nos tratava, a expansão que usava conosco, valia mais do que se nos dissesse com tôdas as siladas: Quero muito bem a vocês quatro! Quando lhe falei que ia para o Seminário — êle que me dera a 1ª comunhão, se mostrou contente e abraçou-me com fôrça.

Euclides ajudava, como acólito oficial, a missa e os demais officios na Matriz e sempre estava revestido de batina e sobrepeliz. Nunca fui acólito. Foram-no os meus três irmãos

e o Vigário tinha para êles tôdas as distinções.

Euclides era pontual e piedoso. Talvez um pouco mais do que os outros, e todos como paroquianos, rendíamos tôdas as homenagens àquele bom Paraibano da Serra da Raiz que, em Pau d'Alho, foi ídolo do povo. Já no Seminário foi que soube da apreciação que sempre fazia sôbre nós, da alta conta em que nos tinha.

—São meninos bem comportados, bem educados, muito unidos; são modêlos da paróquia.

Dizia-o discretamente, sem querer que soubéssemos, como os lisonjeiros que desejam fisgar alguma cousa.

Padre Emídio era criatura simples e desprezenciosa. Tinha talento superior. Talvez mais talento do que ilustração. Mais senso prático do que vistosa erudição. Conservador ao extremo. Reformar para êle era sinônimo de perturbar. De estatura elevada — passando de 2 metros, de olhar penetrante, de sorriso bondoso, de palavra sempre delicada, chegou a Pau d'Alho quando forte sêca em sua terra o obrigou a deixá-la. D. Luiz de Brito acolheu-o com bondade porque.

ótimo psicólogo, percebeu que sacerdote de boas qualidades era o Padre Emídio. Daí, ter-se estabilizado em Pau d'Alho onde as amizades fundas que criou, eram raízes que nunca lhe permitiram afastar-se da cidade do Espírito Santo.

Para Padre Emídio era dever satisfazer a todos. Pedir-lhe confissão quando já tomava os paramentos da Santa Missa, era obrigá-lo a interromper o que começara com a maior naturalidade do mundo. Êle nunca pareceu homem artificial. A sinceridade do sertanejo paraibano era o timbre de seu caráter. Era o halo de simpatia de que foi sempre cercado na vida.

Às missas de 9 horas, aos domingos, Pe. Emídio sempre pregava, sem surtos de grande orador, mas com clareza de idéias, vigor de frases, e convicção de apologeta cristão. Invariavelmente tratava aos fiéis como caros paroquianos.

No 1º retiro do clero, ao tempo de d. Luiz de Brito que sistematizou, em Pernambuco, a magnífica obra do retiro do clero, êle foi aclamado para falar, em nome dos colegas, agradecendo ao Bispo o cuidado que tinha para com os sacerdotes. Foi um dis-

curso improvisado, mas vibrante, impressionante, revelando a todos quem era o Vigário de Pau d'Alho.

Na árdua tarefa das capelas da freguezia, ninguem pode ser mais desvelado do que Padre Emídio. Corria para onde o chamassem com a sofreguidão de quem se fez escravo do dever. Em Pau d'Alho, na cidade e fora dela, nos pontos mais afastados, mesmo quando a freguezia ia além de Carpina, enfêrmo algum morreu sem os sacramentos. Ele havia feito um voto neste sentido e a fidelidade com que o cumpriu, lhe deve ter garantido grande recompensa no céu.

Euclides comigo teve êsses belos exemplos diante dos olhos e, por isso, em Recife, em Gravatá, em Caruarú, em tôda parte onde morejou, amava o confissionário, porque amava as almas.

Padre Emídio nunca fez um inimigo. A paróquia tôda era dêle.

E foi assim que, sem nada nos dizer, colaborou tanto para a vocação dos Pau d'Alhenses.

A colônia de seminaristas Pau d'Alhenses, no Seminário de Olinda, foi sempre a mais numerosa e a de mais esperança.

VISITA PASTORAL

Na lista das paróquias que d. Luiz de Brito visitou, quando sucedeu a d. Manoel dos Santos Pereira, no sólio episcopal de Olinda, figurou Pau d'Alho. Ha muito tempo que a paróquia fôra visitada pelo bispo diocesano. Falava-se em d. João Esberardo que deixara fama de orador fino e eloquente.

Padre Emidio poz-se a campo para que a Visita Pastoral, em Pau d'Alho, fôsse um successo. Minha tia Júlia era a Presidente do Apostolado da Oração e a ela foi confiada pesada tarefa, na acolhida do Bispo de Olinda.

Adaptou-se o Grupo Escolar para hospedar o insigne prelado e, em nossa casa, no sitio, seriam preparadas as refeições de S. Excia. e distinta comitiva.

A Visita Pastoral, entre nós, assume o as-

pecto barulhento das Santas Missões. Fazendo a visita canônica, o bispo põe-se em contato com o povo, administra o santo crisma, faz pregações públicas e facilita o casamento de uniões ilícitas perante a Igreja. Daí acompanhar-se de sacerdotes e de religiosos, além do secretário da Visita.

Na comitiva episcopal, estava o Franciscano Frei Pascásio que se pôs em destaque pelo cuidado com que se dedicou às crianças, cativando-as com seu excessivo carinho. As crianças depressa, cercaram-no e se esqueciam de tudo para ouvi-lo.

Meus irmãos com o Euclides estavam no meio destas crianças. Eu estava no Seminário de Olinda, no meu segundo ano de preparatórios. Era em 1901.

D. Luiz celebrava diariamente, crismava tôdas as tardes e pregava tôdas as noites, enchendo-se a cidade de forasteiros, corridos de todos os recantos da Freguezia.

Os sacerdotes não saíam do confissionário. Pe. Emídio tomou a si a causeira de processar os casamentos dos que desejavam legitimar sua união perante a Igreja. Frei Pascásio, sempre às voltas com as crianças que se reuniam às centenas e preparava mui-

tas para a 1^a comunhão e outras para a comunhão geral que foi um dos números mais comoventes e de maior sucesso na Visita Pastoral de d. Luiz.

Houve um banquete oferecido ao Bispo pelas fôrças conservadoras da Paróquia e foi escolhido para lhe fazer o brinde de honra o dr. Ulisses Costa, Juiz Municipal de Pau d'Alho, jornalista e literato que se desincumbiu de sua missão com todos os aplausos dos convivas. D. Luiz agradeceu o brinde com um discurso magistral que causou verdadeira sensação aos presentes.

Seu discurso confirmou os dotes de grande oraador de que era afamado d. Luiz.

Por iniciativa própria, Euclides pediu a d. Luiz para ser-lhe o padrinho de crisma.

Padre Emidio deu-lhe a melhor informação e Euclides foi afillhado de d. Luiz.

A Visita Pastoral prolongou-se por oito dias e muito tempo, em Pau d'Alho, a recordação de tão belos dias — dias de fé viva, de fortes comoções — fazia vibrar a alma paulhense.



TIA JÚLIA

Quando de nossa volta do Pará e fixação de domicílio com nossa avó materna, em Pau d'Alho, tia Júlia (1) podia ter mais 5 anos do que eu. Era a irmã mais velha da casa. O feitio de seu caráter, a bondade de seu coração, a vivacidade de seu espírito, o amor ao trabalho e à vida doméstica eram os traços mais luminosos de sua personalidade. Sua tez morena, seus cabelos longos, seu olhar vivo e penetrante, seu sorriso comedido e franco davam-lhe uma graça e uma atração envolta a um respeito e quase veneração de nossa parte e da parte dos que tinham a satisfação de a conhecerem. Era a única filha solteira das quatro de meu avô Manoel Alves, e para nós, quando instalados quer no sobrado,

(1)—Júlia Adelaide Alves Cavalcanti.

quer no sitio do Itaíba, era ela o nosso encanto, o nosso anjo visível.

O bem que lhe queríamos, era quase excessivo, embora não o mendigasse, à custa de carinhos que nos distribuisse, e dos caprichos que buscasse sempre nos satisfazer. Tão longe disso!... Eram poucos os seus carinhos e a regra para nossos caprichos infantis era cortá-los pela raiz. Ela não nos afastava com isso: prendia-nos com elos mais fortes.

Tia Júlia ensinava-nos as lições com muita paciência. Ajudava-nos a fazer arráias e balõesinhos.

Certa vez, ajudou-me a fazer umas lindas estrélas e paguei-lhe com um beijo.

—Que menino sovinas! disse ela. É com tão pouco que paga o que a gente faz.

E assim dei-lhe meia dúzia de beijos.

Euclides, para lhe dar um beijo, era serviço. Foi por isso, que ela comentou com muito chiste:

—O beijo de Euclides é libra esterlina. O seu (era o meu) é moeda de cobre!

E Euclides ficava cheio de si, como quem não sabe malbaratar carinhos.

Ela mechia muito com Euclides. Chamava-lhe de Santo Onofre ou o homem do croco-

dilo que está aos pés de N. S. da Penha. Isso era alusão à sua pequena estatura.

Quando rezávamos o Anjo do Senhor, todos dizíamos: Eis aqui a escrava do Senhor. faça-se em mim, segundo a vossa palavra. Tia Júlia conseguiu convencer-me de que ela era quem devia dizer assim. Nós, homens, deveríamos dizer: Eis aqui o escravo do Senhor. Só muito depois, compreendi o seu gracejo.

D. Joaquina, minha avó paterna, mandou-nos do Rio quatro livros.

Histórias da Avosinha, Os meus brinquedos, O Menino Verde e Aprende-se brincando. Este último não era propriamente livro, eram cerca de dez cartões, com ricos desenhos a côr, prêsos uns aos outros e facilmente manuseáveis e destinados à alfabetisação das crianças.

Histórias da Avosinha era para mim. Os meus brinquedos, para Manoel; o Menino Verde, para Euclides; e os quadros coloridos para Mário.

Tia Júlia lia para nós, tôdas as noites, as Histórias da Avosinha e fazia comentários e alusões.

—Conheço um menino desobediente, co-

mo êste coelhinho, dizia ela. Há outro orgulhoso como a rã.

No Menino Verde de Euclides, que êle guardava com imenso cuidado, havia a história de um menino que dormia demais e ficou roliço, como um suino.

—Breve, teremos um menino roliço, aqui, também, comentava a tia. Eram referências à dificuldade que tínhamos de deixar o leito em dias de inverno.

No ano que entrei no Seminário de Olinda, voltei para as férias, corrigindo os êrros que todos dissessem. No fim da reza da noite, notei que Euclides cochichava com Tia Júlia.

—Êle está dizendo, me revelou ela, que a Salve Rainha está errada.

—Porque? indaguei com surpresa.

—Não se diz: ei depois, advogada nossa?

Eu condenava se dissesse: depois sim! depois não. Mas na Salve Rainha há apenas uma homonímia: Eia, pois, advogada nossa.

Na Visita Pastoral de d. Luis, muitos elementos católicos se puzeram em contato com Tia Júlia, porque ela não se barateiava. A sociedade não tinha atrativo para ela. As

dansas, os teatros, as reuniões sociais nunca lhe despertaram vivo entusiasmo.

Sei que alguns rapazes, vendo-a de longe, não se animavam a falar-lhe, embora percebessem nela ótimo partido; mas a Visita Pastoral fê-la mais conhecida e daí nascer a coragem de nosso amigo Antônio Pimentel (1) para lhe falar casamento. Êle se achava na comissão das festas a d. Luis, teve muito ensejo de falar com a moça e de conhecer melhor as suas virtudes. Logo após a visita, foi pedida a Mãe Mariquinhas e, embora no Seminário de Olinda, soube que, para Euclides, foi um dia de juízo.

Não queria ficar sem Tia Júlia! Por que ela sair de casa?! Nosso encanto, nosso anjo ia deixar-nos.

Tia Júlia achou graça, mas não deixou de sonsolar aos meninos, garantindo-lhes que sempre estaria com todos.

Casou-se a Tia Júlia e a festa de seu casamento, dadas as condições dos noivos, foi um acontecimento. Muitos convidados, muitos doces, muitos brindes e a prática do Padre Emidio foi muito tocante.

(1)—Antônio de Albuquerque Barros Pimentel.

mo êste coelhinho, dizia ela. Há outro orgulhoso como a rã.

No Menino Verde de Euclides, que êle guardava com imenso cuidado, havia a história de um menino que dormia demais e ficou roliço, como um suino.

—Breve, teremos um menino roliço, aqui também, comentava a tia. Eram referências à dificuldade que tínhamos de deixar o leito em dias de inverno.

No ano que entrei no Seminário de Olin-da, voltei para as férias, corrigindo os êrros que todos dissessem. No fim da reza da noite, notei que Euclides cochichava com Tia Júlia.

—Êle está dizendo, me revelou ela, que a Salve Rainha está errada.

—Porque? indaguei com surpresa.

—Não se diz: ei depois, advogada nossa? Eu condenava se dissesse: depois sim! depois não. Mas na Salve Rainha há apenas uma homonímia: Eia, pois, advogada nossa,

Na Visita Pastoral de d. Luis, muitos elementos católicos se puzeram em contato com Tia Júlia, porque ela não se barateiava. A sociedade não tinha atrativo para ela. As

dansas, os teatros, as reuniões sociais nunca lhe despertaram vivo entusiasmo.

Sei que alguns rapazes, vendo-a de longe, não se animavam a falar-lhe, embora percebessem nela ótimo partido; mas a Visita Pastoral fê-la mais conhecida e daí nascer a coragem de nosso amigo Antônio Pimentel (1) para lhe falar casamento. Êle se achava na comissão das festas a d. Luis, teve muito ensejo de falar com a moça e de conhecer melhor as suas virtudes. Logo após a visita, foi pedida a Mãe Mariquinhas e, embora no Seminário de Olinda, soube que, para Euclides, foi um dia de juízo.

Não queria ficar sem Tia Júlia! Por que ela sair de casa?! Nosso encanto, nosso anjo ia deixar-nos.

Tia Júlia achou graça, mas não deixou de sonsolar aos meninos, garantindo-lhes que sempre estaria com todos.

Casou-se a Tia Júlia e a festa de seu casamento, dadas as condições dos noivos, foi um acontecimento. Muitos convidados, muitos doces, muitos brindes e a prática do Padre Emídio foi muito tocante.

(1)—Antônio de Albuquerque Barros Pimentel.

Euclides andou sempre amuado com o facto e a saída dos noivos foi um pranto sem fim. A estima sincera e a dedicação extrema que se tinha à Tia Júlia e que ela conquistara tão facilmente, deram margem a que o pranto de Euclides contaminasse aos dois manos e a todos de casa.

Tia Júlia viveu cêrca de três anos, depois de casada; mas deixou duas pérolas que são os seus filhos e meus primos — dr. José Graciliano Alves Pimentel e dr. Antônio Alves Pimentel. Êste último foi criado por minha mãe, até a idade escolar e, por isso, ainda hoje lhe chama Mãe Marocas. Mamãe deu provas de gratidão a Tia Júlia e Euclides tinha por êsses primos uma estima que era a continuação da amizade fraternal que devotou a Tia Júlia.

NO SEMINÁRIO

Já me achava, há cinco anos, no Seminário, quando Euclides conseguiu do Padrinho, D. Luis, sua entrada naquele tradicional estabelecimento de estudos, na vetusta cidade de Olinda.

Era acólito da Matriz de Pau d'Alho onde o Padre Emídio lhe prestava tôdas as atenções. Um garôto muito piedoso e dedicado. Encarnação da pontualidade. Bastava dizer-lhe: amanhã começa o setenário das Dores, e êle ali, na hora h.

Tôdas as noites, cantava-se o pranto de Nossa Senhora que aprendemos depressa, para nunca mais esquecermos:

Estava a Mãe Dolorosa,
Junto ao pé da cruz chorosa,
Enquanto o Filho pendia.

Sua alma cruel espada
Que lhe foi profetisada
Tiranamente fria.

E o povo:

Tende misericórdia, Senhora,
Tende misericórdia de nós.

Euclides como sacerdote, sabia cantar o pranto de Nossa Senhora (tradução do Stabat Mater) com muita unção e piedade.

Em fevereiro de 1905, íamos juntos para o Seminário: Lima, Euclides e eu e mais a turma tôda de Pau d'Alho: Artur Beltrão, Artur Bertoldo, João Carneiro da Silva, Francisco Fernandes de Oliveira e Eugênio Vilanova.

Mons. Lopes recebeu-nos com o mesmo acolhimento e matriculou o novo aluno com particular carinho: era afilhado do Bispo que o recomendara muito. Euclides era menino raquítico. Em casa vivia enfasiado e só se servia de um prato especial que Mamãe lhe preparava: carne assada sem gordura e farófia com pouca manteiga, fatias bem torradas e café com leite. Outra cousa que não is-

so, lhe fazia mal ao fígado, ao baço, aos intestinos. Todos em casa se preocupavam muito com a comida do Seminário para êle. Foi surpresa para todos: Euclides comia tudo e nada lhe fazia mal! Acresce que nunca se queixou da boia, mesmo que o empregado se esquecesse de tirar o sal da carne de charque ou cosinhasse a feijoada sem tirar o azinivre da grande panela de cobre. Deu-se isso, raras vezes.

Neste ano de 1905, puzeram-me para ensinar o 1º ano de Latim e o Euclides foi meu aluno.

No ano seguinte, deram-me a cadeira de Português, no 2º ano, e o Euclides foi ainda meu aluno. E não era mau aluno. Esforçava-se muito para aprender. Sabia alguma coisa de Latim e de Português. Nas demais disciplinas, sempre esforçado, passou sem a ninguém dever favores, porque era senhor da matéria. Colegas e professores estão aí para atestar a minha afirmação.

Já cursava Filosofia, quando me ordenei, a 21 de novembro de 1909. A festa da família, no Sítio do Itaiba, teve a sua franca e dedicada colaboração. E na 1ª missa, com a festa de N. S. da Conceição a 8 de dezem-

bro, na Matriz, êle era cabeça do movimento, cantando com os outros seminaristas, pela 1^a vez, em Pau d'Alho, as Vésperas e as Tércias litúrgicas.

Era entusiasta da palavra bonita e eloquente do dr. Ulisses Costa que discursou no almôço, após a missa, e a propaganda que faziâ daquele conhecido homem de letras, lhe valeu a alcunha de Costinha com que os colegas o crismaram.

REGRESSO PATERNO

Andou papai em tratamento dois anos, em Recife, em casa de saúde. Pouco aproveitou. Minha avó paterna foi convidada pelo tio Nequinho (1), para residir com êle, em Campos, no Estado do Rio.

Ela estava, apenas, com a tia Caçula. Falecera há pouco, Tia Nêê.

Minha avó dispoz-se a aceitar o convite do filho. Já residia em Campos Tio Geraldo.

Tio Pedro iria com ela. E tio Nequinho acrescentara: Traga Vicente para se tratar no Rio. Era em 1896.

Seguiram todos para o Sul e papai foi submeter-se a tratamento na Metrópole.

Passou lá 10 anos.

(1)—Dr. Manoel Camilo Ferreira Landim, causidico de renome nos auditórios de Campos, no Estado do Rio.

Em 1906, tivemos notícia de que Tio Eloi regressaria do Rio, trazendo papai que tivera alta, como restabelecido. Foi uma alegria imensa e em dias de julho íamos recebê-lo no cais em Recife e com êle seguimos juntos para Pau d'Alho.

Vendo-nos de batina, comentou logo que aquilo fôra, certamente, idéia de tia Mariana. Êle sempre pensara em fazer-nos cursar a Escola Militar. Havia mesmo compromisso com os amigos republicanos históricos. Mas o homem põe e Deus dispõe. A sua moléstia ocasionou a maior facilidade para a santa vocação que Deus nos deu.

Mamãe era pessimista: nunca acreditou pudesse papai restabelecer-se, um dia, não obstante as muitas promessas feitas a S. Severino dos Ramos.

Juiz de Direito em disponibilidade da Comarca de Itaituba do Pará, por uma lei do Congresso, votada, em 1892, tinha papai seus honorários garantidos e só deixou de os receber na crise aguda da borracha, ao tempo do govêrno do dr. Enéias Martins, o estadista e poeta das Linhas Curvas (1). Com seus

(1)—Esta automásia nasceu de sua linda poesia de que ainda guardo a seguinte quadra:

Nas linhas de arquitetura
Que fazem sonhar os poetas,
As curvas têm mais doçura
Do que as retas.

parcos ordenados, ficou conosco no sítio de Mãe Mariquinhas.

Ficou preocupado com a ausência de Manoel que fôra estudar preparatórios em Campos onde adoeceu e veio a falecer.

Não esquecia: Vim do Rio e não vi meu filho!

Veio, porém, ocupar o lugar de Manoel em 12 de julho de 1907, o quinto filho, desta vez, uma menina — a Judite que se tornou os seus encantos. É a Juditinha que, na fase de poeta, cantei em sextetos líricos, enfechados no “Flores do Campo!” (1)

Só vimos a Judite no fim do ano de 1907, quando de nossas férias. Era uma petiza gorduchinha que já sabia procurar quem falava, já ria e sacudia braços e pernas. Nas férias, andamos com ela às voltas e quase não saía-

(1) — Hoje, Madame José Antônio Cruz, funcionário do Instituto dos Comerciários.

mos de casa porque era o nosso enlévo e a nossa distração.

Cêdo revelou a inteligência fina e a dedicação extrema em que se vem extremando tôda vida. Euclides tinha-lhe grande afeição e teve a sorte de fechar os olhos, a seu lado e sob seus extremosos cuidados.

ORDENAÇÃO

Minha primeira viagem ao Rio, com intenção de procurar meus tios e meus primos em Campos, foi nos últimos meses de 1915.

Estava auxiliando a Mons. Lopes (1), Vigário da Boa Vista em Recife, e, sendo êle eleito bispo de Floresta, tive que deixar a coadjutoria da referida paróquia onde o substitui o C^o. Jerônimo Higino Rodrigues de Assunção, ainda hoje pároco da importante freguezia.

O convite de d. José para o acompanhar até Floresta, como Secretário do Bispado, muito me desvaneceu, e, antes de procurar

(1)—Mons. José Antônio de Oliveira Lopes, ex-reitor do Seminário, Vigário de Boa Vista e logo bispo de Floresta e Pesqueira.

aqueles ricos sertões pernambucanos, fui conhecer a nossa linda Metrópole.

A ordenação do Euclides seria nos meados de novembro e tudo fiz para assistir as cerimônias. De fato, cheguei no dia 14; mas, quando desembarquei, êle já estava ordenado de presbítero.

Abraços de cumprimentos, lamentações pelos imprevistos, explicações, recados dos parentes do Sul etc.

Outro incidente da ordenação de Euclides. D. Luiz seria o bispo ordenante. Saiu do Rio onde se achava também, na esperança de apaiñar Recife ao tempo de presidir as cerimônias. Impossível. Telegrafou da Bahia ao Bispo Auxiliar, d. Ireneu Jofili, para fazer a ordenação.

Ordenaram-se com Euclides cinco colegas: Euvaldo, Souto Maior, Francisco Freire, Manoel Castelo Branco, Antônio Coelho e Osvaldo Brasileiro. Entretanto, a turma começou com mais de 40 alunos. Basta dizer que o 1º ano foi dividido em duas turmas. Dos 40 alunos, somente 6 perseveraram até o fim...

A cerimônia realizou-se, no Paço Episcopal, ainda hoje conservado intato pelos Je-

suitas e estou certo de que, no futuro, se transformará em Museu Católico, pelos fatos históricos de que foi teatro.

O altar na Capelinha do Palácio é ainda o mesmo, e, diante dêle, os neo-presbiteros de 1915 fizeram os seus votos de padres para sempre.

Ao almôço oferecido por d. Ireneu aos sacerdotes recém-ordenados e a que assisti, por sua honrosa deferência, trocaram-se saudações muito afetuosas, com votos de completo êxito na missão que abraçaram.

Seguimos, no dia seguinte, para Amargi onde nos esperava a nossa família — nossos pais e nossos manos Mário e Judite.

Foi uma expansão de júbilo, poucas vezes, por todos experimentado.



1ª MISSA

Foi em Amaragi a 1ª missa de Euclides.

Se nossos pais se achavam lá, mesmo depois de minha vinda para Recife, somente lá poderíamos todos reunidos sentir as emoções da solenidade da 1ª missa do filho querido, do irmão presadíssimo.

Alguns seminaristas e alguns sacerdotes — Pe. Felix, Pe. Uchoa, Pe. Bertolino, nos acompanharam até a cidade de S. José da Boa Esperança onde exerci o paróquiato por mais de 3 anos.

A missa foi cantada. A família da professora local, d. Josefa Catarina de Oliveira, merece uma sincera referência pela generosidade com que trabalhou ao nosso lado, na 1ª missa de Euclides. D. Elisa encarregou-se da partitura de expressiva missa de J. L. Battman, o Vigário Pe. Getúlio Cavalcanti

Uchoa, como bom amigo e parente, pôs tudo à nossa disposição e, ao Evangelho, dirigiu a palavra ao novo sacerdote, à família e ao povo. *Sacerdos in aeternum*. Padre para sempre. Foi em derredor deste tema que girou toda a minha alocução.

É Deus, é a Igreja, é o povo cristão, é o próprio sacerdote quem diz: Tu és *sacerdos in aeternum*. É Deus quem dá a vocação.

É a Igreja — grande nação, grande família que precisa de padres como chefes, como guias, e o sacerdote é para ela outro Cristo. *Sacerdos alter Christus*.

E' o povo cristão que, entregue a si mesmo, clama em alta voz: Padres! Queremos Padres. O povo vê no Padre todos os dons que Deus lhe deu, todas as graças de que a ordenação é fonte, e espera do Padre palavras, orações, sacrifícios, exemplos e virtudes que acharia heroísmo em outros, mas que parecem a mesma condição do sacerdócio. É o padre quem diz a si mesmo: Tu és Padre para sempre.

Quando Luis XVI, ainda jovem, disse: *L'état c'est moi!*; era a voz do orgulho! Quando o Padre diz: Eu sou Padre, é a voz

da humildade porque nunca somos dignos de semelhante honra.

Está aí a síntese, a sùmula do que disse, em dia de tanta felicidade para meu saudoso irmão e para nós.

Na casa da professora, porque a nossa era pequena, houve o almôço oferecido ao neo-sacerdote cujas mãos foram beijadas com muito carinho e piedoso respeito.

Meus pais sentiram, na festa de Euclides, as grandes alegrias do triunfo que já lhes havia passado na alma, quando de minha primeira missa, em Pau d'Alho, a 8 de dezembro de 1909.

GRAVATÁ

Dom João Tavares de Moura costumava dizer: Gravatá é uma gravata com um broche. O broche era o acento agudo, indicando a intensidade vocabular.

Foi nesta paróquia onde Euclides estreitou. Foi trabalhar ao lado do Pe. Ricardo Vilela que já era nome feito no sacerdócio. Sua paróquia era paradigma pela ordem, pela piedade, pelo espírito que soubera inspirar com inteligente e eficaz apostolado. Com essas credenciais saiu de lá para bispo de Nazaré.

Ao lado de d. Ricardo, Euclides sentiu-se feliz e foi uma escola onde aprendeu para toda vida.

Cavalgar para Euclides sempre foi um problema. Quantas vezes, indo confessar enfermos, a longa distância, repetia para a fa-

mília do doente: Vocês deviam ir morar mais perto da cidade! Para se chegar aqui é um martírio.

Para d. Amélia — a inesquecível mãe de d. Ricardo, senhora de predicados invejáveis, Euclides era um segundo filho, tal a estima e a atenção que lhe devotava.

Também, o coadjutor de Padre Vilela ouvia-o em tôdas as dúvidas e sua decisão era palavra sagrada que buscava cumprir à risca.

O ambiente era o melhor possível e estou certo de que, não fosse a montaria que o assombrava, Euclides não teria deixado tão cedo a coadjutoria de Gravatá.

S. JOSÉ

A paróquia de São José de Recife, antes de Padre Augusto Álvaro da Silva, era paróquia de pouca vida. A vida piedosa se deslocara de tal modo para os conventos dos religiosos — Penha, Carmo e S. Francisco — que os Vigários de São José nem sequer tinham missa marcada para celebrar. Nem era bom falar em festas!

Não vinha ninguém.

Pe. Augusto Álvaro, ex-diretor espiritual do Seminário, ex-vigário de Olinda, mudou depressa o fâcies paroquial.

Piedoso e de muita vida interior, poeta imaginoso e orador de muitos recursos, começou a chamar a atenção dos devotos. Como diretor de almas era único: sabia prender com fortes vínculos quem o procurasse, fosse mesmo pela primeira vez.

O grande e magestoso templo de São José carecia de muitos reparos. Empreendeu-os e levou-os a cabo.

Era mistér levantar o nível espirital da paróquia: foi-lhe fácil tarefa. Abriu escolas para a petizada, que se tornaram a organização modelar de seu tempo. Ulisses Costa, como cronista do **Diário de Pernambuco**, falando da procissão do Senhor dos Passos em que tomou parte a Escola Paroquial de S. José, comentou que o Senhor dos Passos deveria ter querido deixar a sua seda e os seus veludos e as flores de sua charola, para se colocar no meio das crianças pobres de S. José que Pe. Augusto Álvaro da Silva educava com zelo cristão e verdadeiro patriotismo.

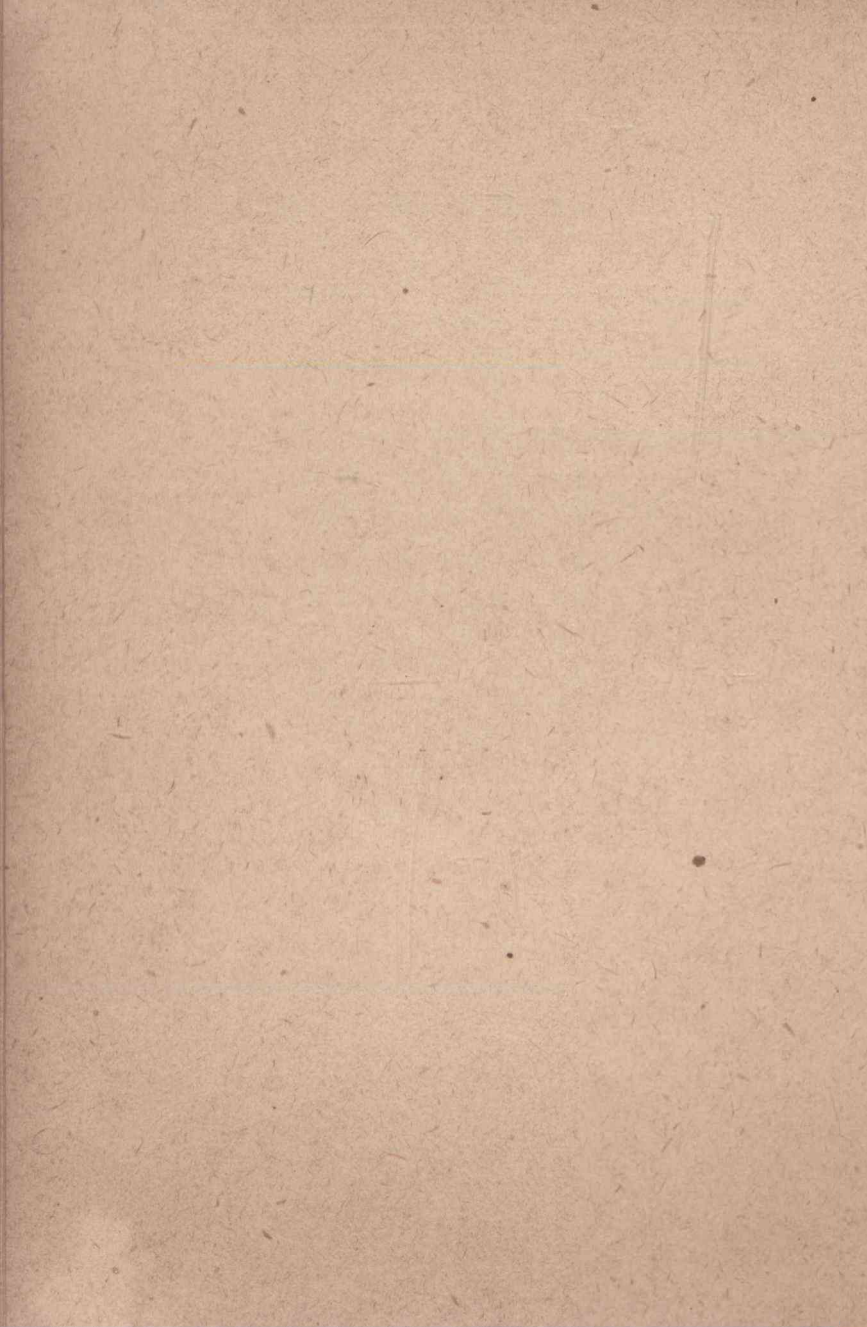
Após Mons. Augusto Álvaro da Silva que saiu 1º bispo de Floresta, foram Vigários de S. José: José de Sá Leitão, Henrique Xavier, João Carneiro da Silva, Mons. João Tavares de Moura.

Com estes sacerdotes Euclides trabalhou devotadamente e aos alunos da Escola Paroquial conhecia a todos pelo número da matrícula, revelando boa retentiva. Não só os alunos, porém ainda os pais e as famílias. Em suma, conhecia mais a paróquia do que o Vi-

gário, isto é, do que o Vigário conhecia a paróquia.

As confissões de enfermos e à catequese das crianças, sempre se consagrou a êsses misteres, com verdadeira abnegação e amor pelas almas.

Ainda hoje pode falar-se em Padre Landim na paróquia de S. José e todos, à uma, lhe rendem a mais espontânea e efusiva homenagem.



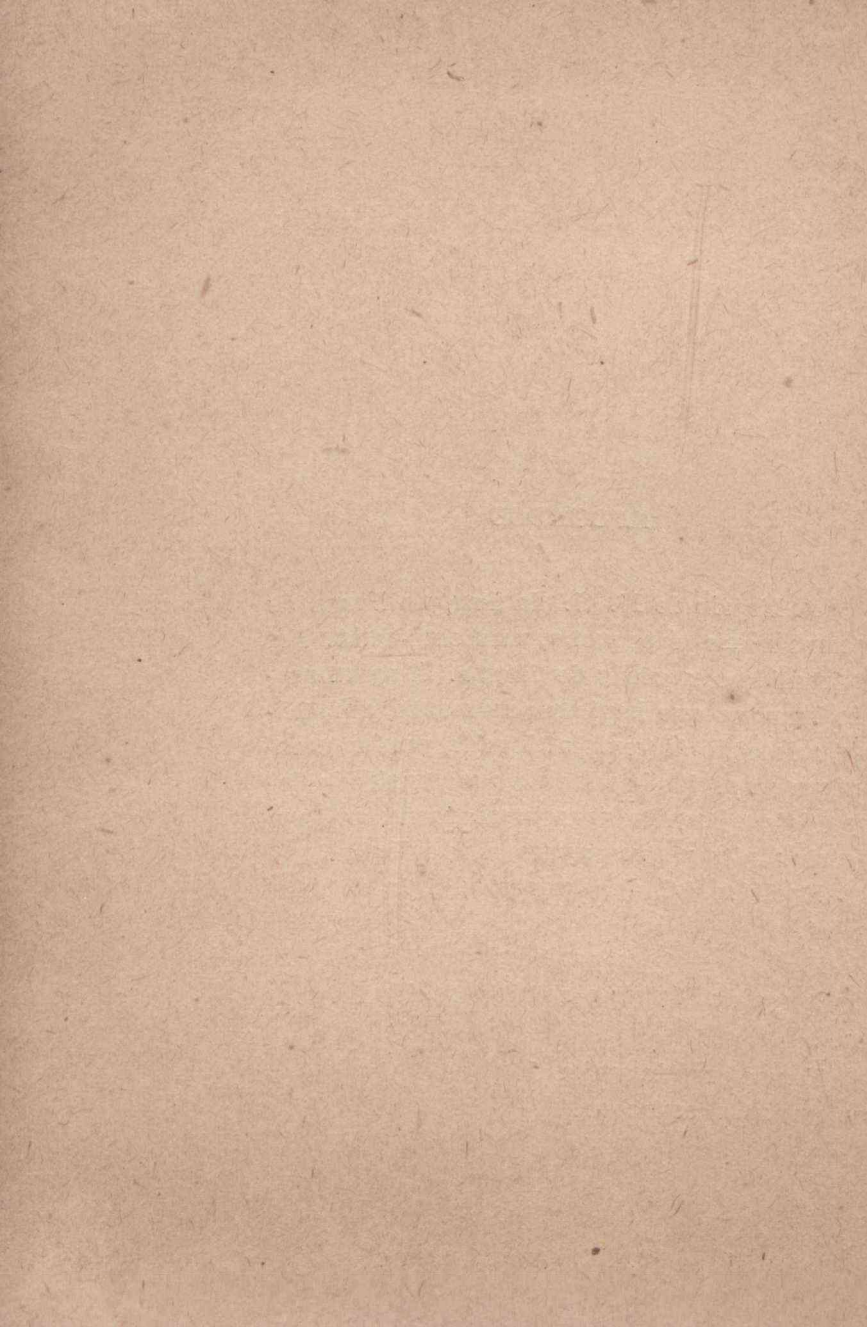
AFOGADOS

A Matriz de N. S. da Paz, na Praça do mesmo nome, é pequena, mas estilizada. Foi construída sem visão do futuro. A aglomeração humana que havia no momento, era, talvez, a lotação do templo. Recife, porém, cresceu para aquelas bandas e a sua densidade demográfica é muito apreciável, tornando-se a Matriz muito pequena para a população.

Euclides foi, duas vezes, vigário de Afogados.

Residiu sempre em casa do Patrimônio, não longe da Matriz e ao alcance dos freguezes.

Fez-se grande amigo do povo de Afogados que nunca o esqueceu.



CARUARÚ

Tendo deixado a Reitoria do Seminário, foi o Pe. Severino Vieira de Melo nomeado Vigário de Glória de Goitá e, logo depois, de Caruarú. Foi nesta ocasião escolhido Euclides, seu coadjutor.

Caruarú é uma grande e bonita cidade pernambucana. Impõe-se para sede de um bispado e, de muito, se fala que o será.

É uma verdadeira praça.

Pe. Severino — o Vigário que fez em Gammeleira o que Mons. Augusto fez em S. José de Recife, encontrou Caruarú com um movimento piedoso de chamar a atenção. Dois sacerdotes eram poucos, porque o Colégio das Damas de Instrução Cristã valia por uma paróquia.

Para ajudá-lo, além de Euclides, esteve lá Pe. Manoel da Rocha Carvalho, atual Vi-

gário de Carpina. Pe. Landim foi bom Cireneu, disse Padre Severino, porque suportava o pêso da Cruz, na melhor harmonia possível.

Foi ligeira sua estadia na Cidade onde, às primeiras sextas-feiras, o número de comunhões se contavam por milhares...

Foi de Caruarú que saiu d. Severino para Bispo de Piauí, hoje, Bispo de Teresina, após a criação dos bispados de Oieiras e Parnaíba, onde vai semeando tódo o bem de que seu coração está referto.

PIEDADE

É uma igreja mimosa a Matriz da Piedade. Trabalho de Mons. João Olímpio dos Santos, seu atual pároco.

Quando Pe. Lamartine paroquiou a Piedade, foi, na sua ausência, substituído por Pe. Landim.

Pe. Lamartine amava o Turismo. Conhecia todo o Brasil e viajou pelo Velho Mundo, visitando muitos países. Tinha boa presença. Alto, moreno claro, rosto oval, nariz bem feito, olhar inteligente, podia dizer-se estrangeiro.

Ele sempre comentou que os brasileiros não eram bem tratados na Europa. Por equívoco, faziam-lhe boa cara, e, por isso, quando lhe perguntavam donde era, respondia invariavelmente: Sou brasileiro puro, descendente de índio com negro da Costa.

Conversei muito com êle ao regressar da Europa, sob as frondosas mangueiras da antiga Chácara Episcopal, hoje Seminário de S. Pedro.

Pe. Landim, em Piedade, foi o mesmo sacerdote, cuidadoso do Catecismo, pronto no confissionário, abnegado para com os enfermos e amigo de todos que o procurassem.

Fez ali amizades que nunca se romperam e lhe valeram lágrimas ante seu cadáver.

FACÉCIAS

Pe. Landim gostava de contar histórias. Eram fatos que, talvez, se passaram com êle mesmo ou com alguns dos colegas.

Guardei algumas dessas histórias com que costumava amenisar a sua prosa, sempre cheia de verve.

Era numa capela da roça. Aparecem três garotinhas tímidas e desconfiadas.

—Vocês vêm confessar-se?

Balançaram com a cabeça.

—E já fizeram a 1ª comunhão?

—Vamos fazer agora, arriscou uma delas.

—E sabem o catecismo?

As cabeças se balançam.

—Digam-me: Quem está na hóstia consagrada?

Depois de se recolherem, para pensar no que responder: — É meu padrinho Padre Cirço, diz uma delas.

— Quem ensinou isso a vocês?!

— Foi mamãe. E a mãe vinha chegando.

— Minha Senhora, suas meninas estão aqui dizendo que a senhora lhes ensina que está na hóstia meu padrinho Padre Cirço! . . .

— É invenção delas, seu Vigário. Elas são muito rudes e não aprendem o que digo. Eu ensino direitinho.

— E o que é que a senhora diz que está na hóstia consagrada?

— Quem não sabe, gente?! São as almas do Purgatório.

.

Um garoto, em outra capela, chorava e a mãe se agarrava com êle, puchando-o. Pe. Landim levanta-se.

— Por que êste menino chora?

— Porque quero que êle vá confessar-se.

— E porque você não quer confessar-se, menino?

E o menino confuso:

— É porque estou sem palitô.

— Isso não é nada! Venha, menino.

E êle concluia dêste modo: E é assim que muitas mães botam à fôrça os filhos no céu.

.....

Êle seguia para uma capela, a cavalo, metido num guarda-pó cinzento e passa por êle um pedestre que lhe pergunta:

—Qual foi o bicho de hoje?

Eram 16 horas e o bicho certamente já havia chegado à cidade.

Euclides não respondeu. Apenas descobriu-se.

O companheiro do pedestre disse assim:

—Sabes com quem falaste?

—?...

—Era o Vigário!... E, se nesta terra o Vigário fosse portador do bicho, eu não morava nela.

.....

Pe. Landim não podia conciliar o uso do fumo com a necessidade que todos temos de ser econômicos em saúde e em dinheiro. O fumo entoxica o organismo e esvasia o bolso.

Sabe-se, porém, como êste vício está arraigado entre nós.

Contava êle que viu na Praia um praieiro dizer ao filho para comprar fumo na bodega, ali adiante. O garoto voltou com o fumo e, antes de o entregar ao pai, cortou um pouco para o próprio cachimbo.

E o pai lhe pergunta:

—O fumo é bom, Pedro.

E o menino displicentemente:

—Sempre se **atraga**, pai.

.....

Numa capela, convida Pe. Landim um homem para se confessar.

—De outra vez, seu Vigário.

—Nem de outra vez, nem nunca, porque você nunca se confessou, nem quer confessar-se. Ouviu logo o comentário:

—Só quem está dentro de outro, adivinha, assim...

.....

No caminho da confissão, perguntou ao portador que era filho da doente:

—De que está doente sua mãe?

—Seu Padre, o médico depois de examiná-la muito, disse que ela estava asqueirosa.

—Que médico bruto foi êsse?

—?...

—O médico não teria dito que ela sofre de arteri-esclerosi?!

—É isso mesmo, Padre! Foi porque me atrapalhei.

Os meninos estavam em passeio escolar, numa vila do interior. Os velhos assistiam com vivo interêsse a marcha da petizada e, de repente, desataram a chorar.

—Por que choram, meus velhos? É com saudade de seu tempo?

—Qual nada! Não sabe por que choramos?!

Meus avós bem diziam que tudo isso havia de acontecer. Êstes meninos tão pequenos sentaram praça na Escola. O govêrno manda fazer passeio das crianpas porque precisa delas.

.....

A menina pôz na boca uma moeda de

vintém e começou a chupá-la, saboreando o amargo do azinhavre. A professora repreende-a:

—Menina, não ponha essa moeda na boca que tem micróbio!

E ouviu logo o comentário!

—Esta mulher quer ser tão limpa, que nem a terra comerá ela, quando morrer!

.....

Rapaz do interior veio avisá-lo de que a convocação para êle ficara sem efeito.

—Você parece mais contente do que, quando disse que fôra convocado. E por que sem efeito a sua convocação?

—Porque não dei no médico.

—Que é isso? Você não dê nunca no médico. O médico é gente boa que não merece pancada.

—Isto é: eu não dei nas medidas do médico, nas exigências da padronagem militar.

—É outra cousa, senhor.

.....

E assim uma infinidade de histórias que Pe. Landim sabia contar.



Matriz da Torre — Recife

TORRE

Sem falar em Heliodoro Pires que é um espírito cintilante, em Alberto de Azevedo, alma de apóstolo, e em Eustáquio de Queiroz, fino cronista contemporâneo, há dois nomes que se acham galvanizados na Torre. Pe. José Regueira que foi mártir de sua missão. O médico lhe proibira sair, após a convalescença da espanhola, sob pena de recaída que seria fatal, e êle, pôs, acima das recomendações médicas, o seu dever de acudir aos enfermos que o reclamavam.

Padre Costa empenhou-se na construção da Casa Paroquial — Vila Cura d'Ars.

Encontrou embaraços muitos; mas venceu-os.

E lá está, a moradia do Vigário da Torre, ao lado da Matriz, gritando pelo seu criador, o atual Bispo de Mossoró.

Peço licença para afirmar que há um terceiro nome que está inesquecível na modesta paróquia da Torre — é o do Pe. Landim, não só por ser o pároco que mais demorou na Torre — quasi 20 anos seguidos, mas por ter deixado serviços apreciáveis. As duas naves laterais, os reparos nos tetos, as vidraças dos óculos, o mobiliário da Matriz são trabalhos do Pe. Landim.

Teria feito mais se quisesse, pois tinha amigos que sabiam satisfazê-lo com ampla generosidade. Parecia gostar de sua igreja simples e modesta, com os ares da Torre primitiva.

A parte pastoral e religiosa da Torre, em suas mãos privilegiadas, tomou grande impulso. As associações não se reuniam mensalmente só pelo cumprimento dos estatutos: sabia dar às reuniões uma feição nova que atraía a todos os sócios. Levava questões a ser ventiladas, fazia instruções litúrgicas, integrando os sócios no sentido das sublimes cerimônias religiosas; ilustrava as reuniões com histórias e exemplos, colhidos na sua vasta e rica biblioteca.

As Filhas de Maria da Torre sabiam liturgia como os padres. As catequistas eram

PASSEIOS A NATAL

Natal! cidade presépio, de nome cristianíssimo, namorada do Potengí que vem, de tão longe, beijar-lhe os pés, numa doçura infinita e a que parece indiferente, como as jovens convencidas. Natal! cidade vaidosa que se espelha no límpido cristal do rio amoroso e manso, preocupada com a própria beleza e ouvindo, sem comoção, as cantigas maviosas das águas correntes do rio e das ondas marulhosas do Atlântico.

Natal! formoso e bendito cáis da Europa, fadada a grandes progressos quando, resolvida a paz, a humanidade procurar reconstruir-se. Por ti há de passar o mundo inteiro, atrás dos bravos soldados da vitória, os valentes soldados da América.

Acolheste-me com carinho e identifiquei-me, para logo, com teu povo, generoso e fran-

co, com tua família nobre e destemida a que 22 anos de esforço e de luta me dão direito a pertencer com orgulho.

Natal! terra sagrada onde repousam os restos de meu pai e que devo beijar com tôda a expansão de meu afeto filial.

Natal! terra de Miguelinho e de João Maria — heróis da Pátria e da Fé — nomes sagrados, duas flâmulas que drapejam aos ventos marinhos os epenícios dos dois grandes amores que fazem palpitar o coração humano — o amor de Deus e o amor da Pátria.

Invejo os soldados da Fôrça Expedicionária Brasileira — a FEB — que nesta hora, estão derramando sangue e dando a vida pelo amor do Brasil.

Confio, porém, Deus me dará a graça, não de ser o orgulho do Brasil — como os nossos soldados, mas de nunca me tornar o seu opróbrío e a sua vergonha!

Estou em Natal, trazido por d. José Pereira Alves, desde 31. de agôsto de 1923. Minha família veio residir comigo, desde 28 de novembro de 1924.

Euclides não saía de Recife. Só motivo de fôrça maior. Visitar aos pais era, de fato, motivo ponderoso.

Todos os anos, rumava para cá. Eram 30, 60 ou 90 dias que passavam vertiginosamente.

A alegria de meus pais e de minha irmã não superava o imenso júbilo que me causava a sua visita.

Ajudava-me muito na paróquia e nas aulas. No Seminário de São Pedro, na Escola de Comércio e na Escola Doméstica, os alunos nunca o esqueceram.

No catecismo em que era mestre, a petizada tomava interêsse louco pela lição passada.

Muita gente gostava de lhe ouvir a missa, porque se edificava com seu recolhimento e piedade.

A liturgia era observada escrupulosamente.

Mons. Pegado, de inesquecível memória, sabendo-o com prática na Cúria Arquidiocesana de Olinda—Recife donde se retirou porque os serviços paroquiais colidiam com os trabalhos da Cúria, chamou-o para secretário do bispado enquanto estivesse comigo e, na secretaria, deixou vestígios de sua passagem benfazeja.

Muitas vezes, pregou retiros às meninas

do Colégio Imaculada Conceição e aos seminaristas. Pregou nas festas principais da irrequieza e, sobretudo, na festa da Padroeira e seus sermões, se não tinham o surto da eloquência do Pe. Monte, vinham sempre enquadros na fé convicta, no estudo de ante-mão feito, no esforço para corresponder ao auditório que o ouvia com atenção e proveito.

Fez aqui muitas amizades. A família Soares ainda hoje o relembra com saudade.

As famílias Pinheiro, Emerenciano, Moura e tantíssimas outras lhe tinham verdadeira admiração.

Entre as muitas amizades que aqui Euclides cultivava com carinho, distinguia-se a de Cascudinho (1).

Sempre que tocava aqui, procurava-o e perdia a noção do tempo, quando o ouvia. Era-lhe regalo espiritual a palestra do grande intelectual e escritor.

Tratava-o Cascudinho por Padre Euclides.

(1)—Dr. Luis da Câmara Cascudo, escritor, cronista, orador de renome, historiógrafo e fino estilista.

—Você faça como eu, lhe disse certa vez. Já perdi a cerimônia e só lhe chamo Cascudinho. Pode tratar-me, como o mano: Euclides.

Cascudinho achava graça e, às vezes, dizia:

—Euclides, venha cá.

Quando, em 1930, no Brasil, a questão social pretendia concretizar-se em fórmulas comunistas, os dois, na Avenida Junqueira Aires, onde residia Cascudinho, palestravam entre chávenas de bom mate, sua bebida predileta.

Seu Cascudinho, disse Euclides, a Igreja olha com imensa simpatia a magna questão social. E a sua simpatia não se cifra a palavras. Ninguém como a Igreja tem criado fórmulas idôneas para a possível solução do problema. Você bem conhece a encíclica Rerum Novarum e sabe como nela se enquadram os dados únicos que resolvem a questão.

A luta entre ricos e pobres, burgueses e proletários, patrões e operários, é perigosíssima. Uma aproximação é que é a solução. Aproximação digna e justa, impondo aos abastados auxílios aos pobres como um dever. Um dever seríssimo.

O Cristo compreendia a cousa. Êle ordenava se evangelisassem os pobres. E acrescentava uma palavra muito dura de se ouvir, quando se é rico e avaro: É MAIS FÁCIL UM CAMELO PASSAR PELO FUNDO DE UMA AGULHA DO QUE UM RICO ENTRAR NO CÉU.

Os marxistas com o reajustamento social, sucedâneo da caridade, estão ensaiando uma usurpação que repugna ao bom senso, ao espirito de justiça, às investigações históricas...

Cascudinho, concluia êle com a convicção de um sociólogo, a solução está na Igreja, na prática do cristianismo. Só o cristianismo tem o segredo de adoçar o coração humano e mitigar-lhe tôdas as arestas.

E Cascudinho exagerava as cousas, dizendo-lhe que ouvira verdadeira conferência. Pena fôsse o auditório singular, quando merecia um auditório numerosíssimo.

.....

Algumas pessoas que me trouxeram pêsames, após a sua morte, e que eu sabia gostarem de se confessar com êle, diziam-me, os

olhos arrazados de lágrimas: —Está no céu!
Era um santo!

Quando morávamos à Rua Vigário Bartolomeu, a petizada corria, tôda noite, para lá afim de lhe ouvir as histórias que sabia contar, ao sabor das crianças. Marina Lira só não gostava de ouvir histórias de almas do outro mundo.

.....

Tudo que achava de bom e de bonito, trazia para os pais e os irmãos. Eram, às vezes, objetos de que êle carecia. Ninguém podia dizer-lhe que estava bom ou era bonito: a oferta era na certa. Um livro, um terço, uma medalha, uma caneta, fôsse o que fôsse...

O 4º mandamento sabia-o interpretar, com todo o rigor. Era todo de seus pais. Tôda vez que trazia para os alfinetes de Mamãe alguma quantia qualquer, contava sempre lhe viessem trazer o dôbro ou o triplo. Coutava muitos fatos assim. Minha Mãe estava em casa de minha irmã, à Estrada de Belém. Foi visitá-la e deixou-lhe os únicos cem cruzeiros que tinha na carteira. Ao voltar para

a Torre, certo amigo deu-lhe Cr\$ 300,00 de trabalhos que fizera, há um ano.

Os filhos que respeitam e obedecem aos pais têm, da Escritura, a promessa de muitos favores e até de longa vida.

FAZER AMIGOS

Não é fácil fazer amigos. Amigos de pé de carta ou de cabeçalho são facilimos: Meu caro amigo Fernando.

Nunca, porém, deixou de ser verdadeira a profunda tese romana: *amicus certus in re incerta cernitur*. Só nas horas duras se conhece o amigo.

Entretanto Padre Landim tinha o segredo de fazer amigos. Encontrava-se com alguém na cerimônia de um batisado. Viam-se à primeira vez. Seu traquejo social era tal que o desconhecido se tornava amigo. Não lhe perdia mais o nome nem o da família. Cumprimentava-o com simplicidade, sem afetação, contava-lhe uma história, interessava-se por sua vida, sua colocação, sua prosperidade e isso solidificava mais e mais, àquela amizade que nascera de um grão de mostarda.

Andava de chapéu na mão, quando saía da Torre. Recife parecia todo seu amigo. Crianças e adultos, ricos e pobres, homens e senhoras, colegas e leigos, todos se aproximavam d'ele, certos de seu sorriso bondoso de sua palavra afetuosa.

E era tanta a confiança que lhe tinham os amigos que o faziam vir da Torre para Olinda, para Afogados, para S. José, para Boa Vista, para Casa Amarela, para a Encruzilhada, para S. Lourenço, para Pau d'Alho, quando queriam missa, batisado, casamento ou confissão de enfermo. Para não os atender era mistér houvesse dificuldades insuperáveis...

Vi-o sair, tarde da noite, para ouvir confissão de enfermo em Olinda e na Encruzilhada. Eram ex-paroquianos que só se contentavam com a presença de Pe. Landim. Eram compadres, eram afilhados que tinham nele o seu maior amigo.

Esse multiplicar-se em favor dos outros só podia trazer-lhe a estafa sob a qual viveu os últimos anos de sua vida. A hipertensão cardíaca que tanto o atormentava não teve origem senão nesse vivo labor de que fez o programa de sua vida.

D. Miguel pediu a Pe. Lima, o nosso

presado primo e Vigário do Cordeiro, para substituí-lo nas confissões de enfermo da Torre quando a deshoras e proibiu a Pe. Landim saísse para trabalhar além dos limites de sua freguezia.

Era com êsses fatores que Pe. Landim multiplicava as amizades e cimentava-as, tornando-as um bloco coêso. Amigos na vida os teve muitos que lhe adivinhavam os pensamentos; amigos na morte que o choraram amargamente e repetiam o estribilho: perdi nele o meu melhor amigo.

Foi o caso de comentarem com acêrto: ou a palavra amigo mudou de sentido ou êle tinha o segrêdo de fazer amigos.



**Uma das últimas fotografias do PADRE
LANDIM**

JUBILEU SACERDOTAL

A 14 de novembro de 1940, completou Pe. Landim 25 anos de sacerdócio. Era seu jubileu sacerdotal, suas bodas de prata. Era um efêmeride que não podia passar esquecida. Euclides pensou em celebrá-la, quase na intimidade. Seus amigos da Torre impuzeram-lhe a obrigação de aceitar as homenagens que a sua freguezia lhe ia preparar. Seria indelicadeza recusá-la.

Encabeçavam o movimento o Dr. Barreto Campelo, João Dias Martins, Alfredo Celestino e José Correia, com as associações da paróquia. A imprensa estampou o programa adrede traçado. Todos se movimentaram. Missa de comunhão geral. Missa solene. Coroação do homenageado. Banquete em que discursou pela paróquia o laureado causídico

e aplaudido tribuno dr. Barreto Campelo, professor da Faculdade de Direito. Festa das crianças no Grupo Escolar Martins Júnior, com a brilhante colaboração do Ginásio do Recife de Pe. Félix Barreto. Entre os presentes recebidos pelo Pe. Landim figuram ricos paramentos de lhama dourada que ainda hoje se acham na Matriz da Torre.

Figuras não católicas vieram pessoalmente cumprimentar ao Vigário da Torre, pelo seu Jubileu Sacerdotal e serviram-se de palavras que muito o sensibilizaram.

Fui o orador de sua 1ª missa em Amargí e convidaram-me para pregar na missa solene de suas bodas de prata. Eis o meu discurso:

— “25 anos já são decorridos desde tua ordenação de sacerdote, meu querido irmão, desde a tua 1ª missa. E nestes 5 lustros já passados, como tudo tem mudado, em redor de ti! Tem mudado o cenário. Têm mudado personagens e comparsas, tem mudado a mentalidade e a sabedoria dos homens.

Nenhuma surpresa, porque a mutabilidade faz parte da contingência humana. Perfeito, só Deus.

Só êle, imutavel!

Tem mudado o cenário. Já passou Pau d'Alho com o sítio do Itaitiba onde deslisaram felizes os dias da puerícia. Aquele cafezal na encosta da matinha, aquele bananal extenso, aqueles cajueiros, nesta época, pejados de frutos, aquelas jaqueiras respeitáveis cujos troncos mal poderíamos abraçar; aquele casarão que custou sacrifícios a um tio querido, tudo aquilo guarda o doce segredo de uma saudade infinda.

Já passou Amaragi. Foi minha primeira paróquia. Puz-me em contacto com almas generosas e boas que desafiaram meu apostolado, minha dedicação, todo meu amor. O verde escuro daquelas matas frondosas, o vivo labor dos campos e das usinas deixaram-nos fascinados a mim como a ti. É um capítulo que relemos com gostoso regalo na história de nossa vida.

Ia omitindo Olinda, aquela formosa Olinda que, de cima dos môrros, olha doce e enamoradamente, para o Atlântico, aquela vetusta Olinda ao pé da qual se está erguendo outra cidade — visinhanças do Farol — mas que nunca será a verdadeira Olinda, aquela que galga encostas e está concretisada na Misericórdia, em Sta. Teresa, na Sé, no Seminário,

aquela que, olhando o mar, parece viver acalentando um ideal longinquo que há de surgir, lá nas fímbricas do nascente, como se fòsse um rosiclér.

Depois de Olinda onde estudaste e depois de Amaragí onde passaste, comigo, os últimos anos de tua vida de seminarista, uma vez ordenado a 14 de novembro de 1915, novos cenários deveriam aparecer ante teus olhos sonhadores.

Estreaste em Gravatá como coadjutor dô Pe. Ricardo Vilela, hoje d. Ricardo, um dos bispos de maior projeção no episcopado nacional, pela sua cultura, pelas suas virtudes, pelo seu largo descortino em governar a diocese de Nazaré.

Depois dêste cenário quase sertanejo, de Gravatá, esperavam-te S. Pedro Gonçalves, S. José, Afogados, Piedade, Caruarú onde te prendem amizades bem formadas e bem firmes.

Esta freguezia da Torre, com sua fisionomia sempre ridente, de arrebalde modesto; esta freguezia da Torre, de gente boa e cristã que te cerca de carinhos como se fòsses um pai; esta freguezia da Torre que, das margens do Capibaribe, parece trazer-te, nas águas ma-

rulhosas, a lembrança e a recordação de Pau d'Alho, esta Torre que, sendo um bairro de operários, é uma colmeia humana, esta freguezia da Torre é um cenário em que demoraste o olhar sem fadiga, como quem encontra seu verdadeiro ideal. Teus 16 anos de Vigário da Torre já te colaram, senão na Freguezia, ao menos na estima e na aceitação de todos os teus paroquianos.

Em 25 anos de sacerdócio, mudaram os cenários.

Mudaram, também, as personagens e os comparsas. A mudança que mais te impressiona e comove, é, de certo, a dos que desapareceram.

Devo recordar-te em 1º lugar, aquela inolvidável velhinha, pequenina no tamanho, mas grande no coração, que foi a nossa avó materna e que, para nós, foi mais uma santa do que uma mãe. Ela nos deixou a lição grande e profunda de seu bom exemplo.

Era de joelhos que deveria falar naquele velho querido que foi o nosso pai e a quem sabias amar, com carinho acendrado de filho e admirar com o respeito e a veneração inconfundíveis. O exemplo de sua honestidade, de suas virtudes morais e cívicas, é um patrimô-

nio riquíssimo que herdamos todos e que precisamos manter e, se possível, desenvolver e avolumar.

Estas duas personagens nunca se poderão substituir no cenário...

Apenas te ordenaste, quando alentavas a doce esperança de teres no querido padrinho de crisma, d. Luis de Brito, uma égide decidida, guiada pela mais esclarecida afeição, vês desaparecer no cenário da vida, esta figura máscula e imponente que foi d. Luis Raimundo da Silva Brito, embora redivivo ainda em nosso culto comovido e em nossa eterna saudade.

Na diocese de Olinda, como teu prelado, não poderás esquecer nunca aquela figura de bispo de seu tempo, risonho e bondoso, inteligente e enérgico, ídolo de seus sacerdotes pela acolhida que a todos proporcionava, num gesto, sempre natural, de seu largo coração.

Refiro-me a d. Sebastião Leme, hoje Cardial-Arcebispo do Rio de Janeiro.

Atualmente governa a Metrópole Episcopal um prelado eminente que sabe associar ao profundo saber, a virtude edificante e o trabalho eficiente.

D. Miguel de Lima Valverde é um bispo,

segundo o coração de Deus e o que, para mim, .
poe em maior relêvo a sua nobre figura, é a
doce modéstia que nele se trai a cada passo.
É personagem impressionante no cenário de
tua vida.

Não é meu escôpo, no momento, focali-
sar, diante de ti, meu presado amigo, tôdas as
personagens que representam valor, no cená-
rio de tua vida. Seria, sôbre inoportuna, in-
desempenhável tarefa.

Há, em tôda parte, núcleos inconfundi-
veis de gente boa, de gente digna, de gente
de valor.

Enxameiam, *verbi gratia*, as associações
pias, de elementos que honram e desvanecem
aos eclesiásticos...

25 anos de padre! e como tem mudado o
cenário! Como têm mudado as personagens e
os comparsas!

Digo ainda: tem mudado a mentalidade
e a sabedoria dos homens.

Quando digo mentalidade, refiro-me ao
padrão de que se utilizam os homens para
formular os seus juizos.

Ora, a mobilidade dêsse padrão é fato
experimental. É anacrônica a mentalidade
dos homens de antanho. Eles julgavam, in-

tegrados na rotina, no obscurantismo, nos preconceitos, nas superstições, nos êrros do passado.

O homem de hoje vai saindo da penumbra, para se banhar na plena luz da verdade e da ciência.

No setor da política, por exemplo, há uma mentalidade nova, guiando e norteando os homens de hoje.

Ao cotejarmos os politiquinhos de ontem com os estadistas de hoje; os que faziam do patriotismo uma profissão com os que se sacrificam hoje pelo Brasil, verifica-se, à saciedade, como mudaram os homens! Ontem, escravizavam-se os operários; hoje cuida-se com especial desvelo das classes dos que trabalham. Ontem, construía-se palácio para si próprio; hoje, trabalha-se para se substituir o mocambo do pobre, por uma residência em que haja higiene e conforto. Ontem, aferia-se a inteligência pelas idéias ateístas, materialistas; hoje, os ateus e os materialistas não sabem mais o que digam, porque se avoluma e assoberba a corrente dos que professam e proclamam o espírito e a fé.

Os meus ouvintes querem, talvez, apontar-me a Europa barbarizada, vandalizada pe-

la guerra total. Há um eclipse na civilização européia. Os sociólogos podem prever êsses eclipses no mundo social, como fazem os astrônomos no mundo sideral. Mas os eclipses dos astros são inócuos e inofensivos, como vimos, há pouco, em relação ao sol; enquanto os eclipses sociais acarretam consequências desastrosíssimas, irremediáveis.

O homem progrediu e o progresso que só devia proporcionar-lhe o bem, ocasionou-lhe tôdas as desgraças. A gente pensava que, tendo conquistado o céu e voado através das estrelas, fôsse o homem feliz!

Alarga-se a sabedoria do homem, abrem-se novos rumos ao pensamento humano; e o homem sábio, mas inquieto, do século XX, é o mais desgraçado dos homens.

25 anos de sacerdócio! Uma longa jornada, através de uma sociedade que muda de cenário, que muda de personagens, que muda a mentalidade e a sabedoria dos homens!

Só uma cousa não pôde mudar nestes 25 anos de teu sacerdócio: foi a fé! foi o espírito apostólico da Igreja! foi a missão do padre e da Igreja.

A fé é como o rochedo no meio das va-

gas de proceloso mar. É impassível ao furor das tempestades.

Vinte séculos são testemunhas de mudanças sensíveis, em tôda parte. E o credo está aí, desde os tempos apostólicos. Só êle desafia todos os embates, sem perigo de colapsos, nem meras vacilações.

Há 25 anos costumás pregar a mesma verdade, meu querido irmão, e a verdade não envelhece nem se arcaíza; é imutável como Deus. A religião que muda, já não tem um dos caracteres para ser verdadeira.

Francisco Xavier, nas Índias; Anchieta, no Brasil; o missionário salesiano, hoje, no Mato Grosso, prega os mesmos dogmas e quer levar almas para o céu. Têm todos o mesmo ideal de salvação, inspirados pelo Cristo.

Há um quarto de século que celebras a mesma missa. É a mesma hóstia. É o mesmo vinho. São os mesmos tecidos alvos da alvura da alma cristã. São as mesmas palavras. Nada mudou através de tôdas as vicissitudes ambientes. As mesmas cerimônias, os mesmos paramentos, as mesmas velas, as mesmas decorações na ara do sacrifício.

Solidarisando-nos com o Pe. Landim,

que hoje celebra o seu jubileu sacerdotal, lembremo-nos, meus caros irmãos, que, no meio da sociedade em que tudo é mutável, só a fé não muda, só a religião não muda.

A guerra que está dizimando tão apressadamente, tão nervosamente a Europa inteira, prova que a sociedade, querendo entregar-se, de todo, a si mesma, entregou-se a sua própria mutabilidade, vizinha semântica da corrupção e desagregação.

Arquimedes reclamou, outrora, uma alavanca e um ponto de apóio e sosinho prometeu soerguer o mundo. O sacerdote tem a alavanca poderosa da religião, tem o apóio infinito de Deus e só êle conhece o segrêdo que Arquimedes apenas denunciou.

Meu irmão. Bem sei que os dias de teus 25 anos de padre não correram todos como o de hoje, cheios de júbilo e de festa, de aplausos e de triunfos. Ao contrário. Não te faltaram até hoje, nem te hão de faltar, de amanhã em diante, dias duros e amargos, em que o céu é tenebroso, sem o lucilar de uma estrêla; em que o mar é agitado, na mais terrível das procelas.

Lembra-te, porém, que, em tais horas, nunca estarás sosinho.

César atravessava o Rubicundo aos ombros de um nadador. No meio das águas turbulentas, o nadador titubiou, vacilante. César adverte-o fortemente: *Caesarem vehis!*

Nas horas de luta e de perigo em que o mundo parece revoltado contra os princípios que pregamos, lembra-te que tens contigo Aquele que disse: *Eu venci o mundo!* Ou melhor: o Cristo estará contigo e com Ele vencerás o mundo pelos méritos de Sua cruz que é o sinal bendito da misericórdia e do amor. Que esta corôa de prata, corôa simbólica que te decora a fronte sacerdotal, possa converter-se, dentro de outros vinte e cinco anos, numa corôa de ouro, e, depois desta vida, numa corôa de méritos, diante de Deus.”

MODÉSTIA

Alguns amigos prevalecendo-se de antecedentes havidos na Arquidiocese, pensaram, após seu jubileu sacerdotal, em pleitear um monsenhorato para Euclides; e, por isso, vieram dizer-lhe algo a respeito. Riu-se muito da lembrança e frisou bem: Se vocês são meus amigos, não façam isso.

Nunca ambicionou cargos honoríficos ou títulos. Recordava-se sempre dos Luzíadas: “êsses títulos, essas honras vãs... é melhor merecê-los sem os ter, que possuí-los sem os merecer.” O título de padre integrava-lhe tôdas as ambições.

Muitas vezes, fizeram confusão, supondo que meus versos eram dêle. Certa catequista organizou bonito programa de festa escolar e enxertou poemas de minha autoria. Escreveu-lhe dizendo que aproveitara os seus ver-

sos que deram muito realce à festa por serem bem interpretados.

Agradeceu a senhora, sem desfazer o equívoco, pouco se lhe dando que o considerassem poeta ou escritor.

Tinha d. Sebastião afeição sincera ao Euclides que guardava como relíquias as correspondências do grande e inesquecível Cardial Leme. Li algumas dessas correspondências em que o tratava de Padre Landinzinho e o convidava a passeiar no Rio, acrescentando que, no Palácio de S. Joaquim, havia um quarto para êle. E êle nunca foi ao Rio. Podiam dar-lhe botões, medalhas e correntes de ouro. Não os usava e quase sempre guardava para Mamãe, para Judite ou para mim o que achava bonito e precioso, fôsse quem fôsse que lhe ofertasse.

Dentro de sua exagerada modéstia parecia muito tímido e só depois de o conhecerem, percebia-se que se tratava de um espírito franco e arejado, um coração generoso e expansivo.

Sua mêsá era frugal e poder-se-ia dizer que, como o Cura d'Ars, fizera o voto de se servir do que não apreciava. Privava-se sem-

pre das frutas que sempre foram de sua preferência.

A última vez que estive aqui, eu preparava móveis para a Catedral. Seu Quincas, meu amigo, ofereceu-me velha prancha de pinho de riga. Abria-a em tábuas e mandei fazer um genuflexório que ficou lindo, depois de envernizado. Euclides gostou muito da peça.

Ofereci-lha. E disse logo: Hei de levá-la para d. Miguel. Era uma peça simples e modesta, pouco própria para a capela de S. Exc. o Snr. Arcebispo. Sei que, ao chegar a Recife, foi seu primeiro ato, levar o modesto móvel ao Metropolitana.

Sempre assim: o que achava bonito, não ficava para si, dava aos outros.



AMIGO DOS SUPERIORES

Os superiores para êle tinham caráter sagrado. Nem por brincadeira poderia dizer-se que algum dêles era feio...

Sempre tinha palavras de encômios quando falava dêles. D. Leme era amigo dos seus padres; d. Luis era um santo; d. Ireneu era um pai; d. José Lopes era a mesma bondade; d. Miguel, rico coração; d. Pereira, espírito de escol; d. Marcolino, o melhor bispo do mundo; Mons. Ambrosino, amigo leal; Mons. Pegado, a síntese da dedicação; d. Augusto, um ídolo; d. Severino, sem faltas; e era assim a sua ladainha.

Se alguém se afoitava a pôr-lhe em rosto defeitos dos Superiores, a defesa era immediata, com procedência lógica que a ninguém escapava.

Zelava o retrato de d. José Lopes, de d.

Severino, de d. Leme, de d. Miguel e, quando recebia de Roma correspondência do Papa, emoldurava-a e colocava-a em lugar visível de sua modesta sala.

Conhecia a vida dos Papas e dos bispos de que sabia contar pormenores interessantes.

No dia do Papa, a sua pregação despertava nos ouvintes o respeito e o amor que se devem aos Superiores, enquadrados nos ensinamentos das Escrituras e na prática dos Evangelhos.

AFASTADO DA PARÓQUIA

Recebi carta de Recife, contando que a saúde de Euclides se alterava, cada dia, a olhos vistos. Pés inchados, feridas na perna direita, coração muito irregular com dispnéias torturantes e ainda assim entregue aos serviços da paróquia e sem ter repouso nem trato.

Veio a sagração do 2º bispo de Mossoró, d. João Portocarrero Costa, ex-vigário da Torre e muito amigo de Pe. Landim. Corri a assistir à dita cerimônia e, ao mesmo tempo, combinei com Mamãe para trazer o Mano, afim de repousar e tratar-se aqui.

Foram palavras de Mamãe:

—Vá, meu filho, vá buscar seu irmão.

Encontrei-o afastado da paróquia e residindo com minha irmã. Falei-lhe dos motivos

que me levaram a Recife. Não era só assistir a sagração de d. Costa, em nome do Govêrno do Estado e do Bispo de Natal; era também trazê-lo para a nossa casa. Mamãe esperava-o.

—Não posso ir agora, disse êle. Estou em tratamento e vou sentindo melhoras. Quando mais bem disposto, irei passar um ano em Natal.

Era novembro de 1943.

Nesse tempo, houve dias, em que não pôde celebrar e daí precisar de substituto — um sacerdote do Sagrado Coração de Jesus, da Várzea, e que foi bom colega e dedicado amigo.

Voltei para Natal, sem o mano, mas preocupadíssimo com seu estado de saúde.

DESENLACE

A 11 de junho de 1944, recebi telegrama de Recife nos seguintes termos alarmantes:

“Euclides ameaçado congestão cerebral estado grave. Zé Cruz.”

Era meu cunhado quem assinava a correspondência. No dia 12, não achei avião e no dia 13 segui no inter-estadual a Recife.

Ceguei pouco antes das 24 horas e logo na Estação contaram-me todo o ocorrido.

No dia 10, escrevera Euclides 12 cartas aos amigos e uma delas para mim. Á noite, sentiu-se mal. Alarme em casa! Ouviram-no de fala mudada. É chamado dr. Sebastião de Sousa, seu médico assistente, que constatou o derrame cerebral. Aplicou-lhe sangria e aguardente alemã.

Tudo, debalde...

A dosagem de uréia no sangue era exage-

rada, conforme exame feito e, assim, não foi possível salvá-lo.

Perguntou por Mamãe, por Josefa e Maria, por d. Marcolino, Mons. Calazans, C^o. José Adelino, famílias amigas e disse-me que fôsse tomar café. Quis levantar-se para me acompanhar. Não pôde. Não tinha consciência de se achar hemiplégico. Fui tomar café na camarinha para que o visse, embora emocionadíssimo.

Não conseguí dormir. Êle gemeu tôda a noite e meu cunhado vinha há 3 dias insone, numa dedicação extrema.

No dia seguinte (14), saí para celebrar e disse-lhe que ia pedir a S. Antônio por êle.

—Peça a N. Senhora do Rosário, fez êle.

Nossa Senhora do Rosário é a Padroeira da Torre.

Disse a missa e apressei-me em voltar. Senti-me doente e cheguei a prostrar-me todo o resto do dia. Nem sequer pude vê-lo nos derradeiros momentos.

Cônego João Carneiro e Padre Viana, cêrca das 12 horas, visitaram-no e naquele momento o Pe. Viana, muito nosso amigo,

resou as preces de preparação para a morte e assistiu até às 12 e 20, quando se deu o desenlace.

A Judite, ao vir, entre soluços, trazer-me a notícia, disse:

— Ficamos agora nós dois: o 1º e a última e continuemos bons irmãos e bons filhos para a nossa Mãe... Seja feita a vontade de Deus!

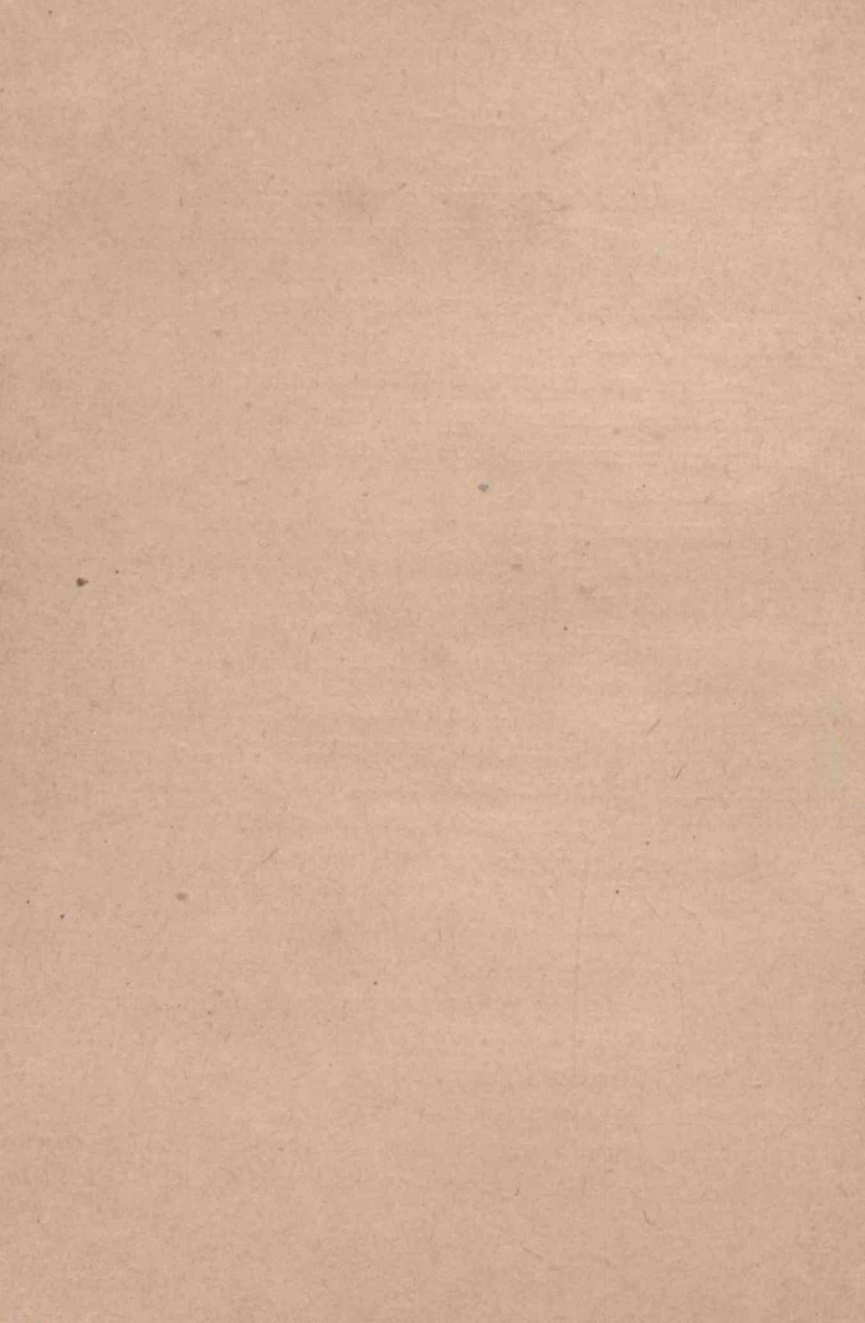
Quando se espalhou a notícia, transmitida pela PRA-8 — Rádio Clube de Pernambuco, a casa de meu cunhado, se encheu de parentes e amigos.

Os primeiros foram os nossos primos e irmãos de criação drs. José e Antônio Pimentel, que tinham pelo Quido uma estima verdadeira. Pedi-lhes para cuidar das exéquias.

Entreguei-lhes o que tinha na carteira e minha irmã arranjou outro tanto e os dois primos disseram que o entêrro seria de 1ª classe. Se o mano pudesse falar, teria dito:

— Façam cousa simples e modesta.

À Casa Batista foi encarregada do entêrro e fez um serviço de 1ª classe.



EXÉQUIAS QUE ABALAM RECIFE

O cadáver foi revestido de paramentos roxos e colocado em féretro de veludo com alças douradas. Às 19 horas, foi transportado para a Matriz onde ficou em câmara ardente.

No dia seguinte, 15 de junho, cantou-se missa solene e, no fim, o libera com as preces litúrgicas.

A Igreja precisava de 4 vezes a lotação que tinha para conter a multidão. Parentes, amigos, paroquianos estavam todos ali, na hora amarga, para trazer a sua solidariedade a Judite, a Zé Cruz e a mim.

A d. Marcolino transmiti, sem demora, o seguinte telegrama:

“Nosso Euclides está no Céu.”

O féretro foi levado à mão até o ponto do bonde, cruzamento da Rua Real com a

Conde de Irajá, e foi com dificuldade que se fez essa travessia, porque era compacta a multidão que enchia a Conde de Irajá, da Matriz até o ponto referido.

Tôda gente queria pegar nas alças do caixão. Tôda gente chorava e dizia palavras de saudade. Eram compadres, eram afilhados, eram filhos espirituais que se sentiam órfãos de seu afeto, de suas luzes, de sua proteção.

A Casa Batista dobrou o número de carros e tudo era pouco para conduzir tanta gente.

Enfim, o cemitério, o Campo Santo.

Alguns dos padres presentes — e eram todos os da Capital — seculares e regulares conduziram o cadáver até as catacumbas da Veneravel Irmandade dos Passos onde seria inhumado.

D. Miguel visitou o cadáver, quando ainda à Rua João de Deus, 232, e fez-se representar nas cerimônias fúnebres.

Duas notas que muito me impressionaram:

a) O discurso de dr. Jurema. Represen-

tando o povo católico da Torre, fez um elogio fúnebre, tocante e eloquente. Ninguém pôde conter as lágrimas. Em certa altura, falando da rica biblioteca de Euclides e sobretudo de seus livros de catequese, afirmou que, dedicando-se à obra do catecismo às crianças, Pe. Landim tinha a visão exata do seu tempo. Só presservando da descrença e da impiedade os homens de amanhã, se poderá salvar o futuro. Era a grande obra do Pe. Landim.

b) Às últimas palavras do orador, entram crianças que, sobraçando flores, rompiam o povo e se aproximavam do cadáver. Eram crianças do catecismo que vieram a pé da Torre ao Campo Santo, render a última homenagem a seu grande e bom amigo, como rica ilustração à palavra do orador.

Tôda a imprensa da Capital Pernambucana dava, naquele dia, alguns jornais com seu cliché, os mais sentidos e expressivos necrológios.

As exéquias do 7º dia foram celebradas pelas associações da Paróquia e tiveram uma concorrência que desafiava as grandes festas de Santa Luzia.

Em todos os corações, o luto e a saudade

e lá no Campo Santo uma lápide com as seguintes palavras:

“Padre Euclides Cavalcanti Landim
nascido em Pau d’Alho a 22-7-1890
e falecido na Torre como pároco a

14-6-1944

R. I. P.

INDICE

Prólogo	7
A Republica	9
Pará	13
As duas avós	19
Insucesso.....	23
Pau d'Alho.....	27
D. Pichica.....	31
No sobrado e no sitio.....	37
Madrinha Luisa.....	45
Padre Emídio.....	49
Visita pastoral	53
Tia Júlia.....	57
No Seminário.....	93
Regresso paterno.....	67
Ordenação.....	71

Primeira missa.....	75
Gravatá.....	79
S. José.....	81
Afogados.....	85
Caruarú.....	87
Piedade.....	89
Facécias.....	91
Torre.....	97
Passeios a Natal.....	101
Fazer amigos.....	109
Jubileu sacerdotal.....	113
Modéstia.....	125
Amigo dos Superiores.....	129
Afastado da paróquia.....	131
Desenlace.....	133
Exéquias que abalam Recife....	137
Índice.....	141